

BOLETIM AGROPECUÁRIO

Setembro/2017 – Nº 52





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reny Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Haroldo Tavares Elias

Rogério Goulart Junior

Tabajara Marcondes



Florianópolis

2017

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078
Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa
João Rogério Alves – Epagri/Cepa
Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa
Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa
Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa
João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Revisão textual: Laertes Rebelo

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann

Presidente da Epagri

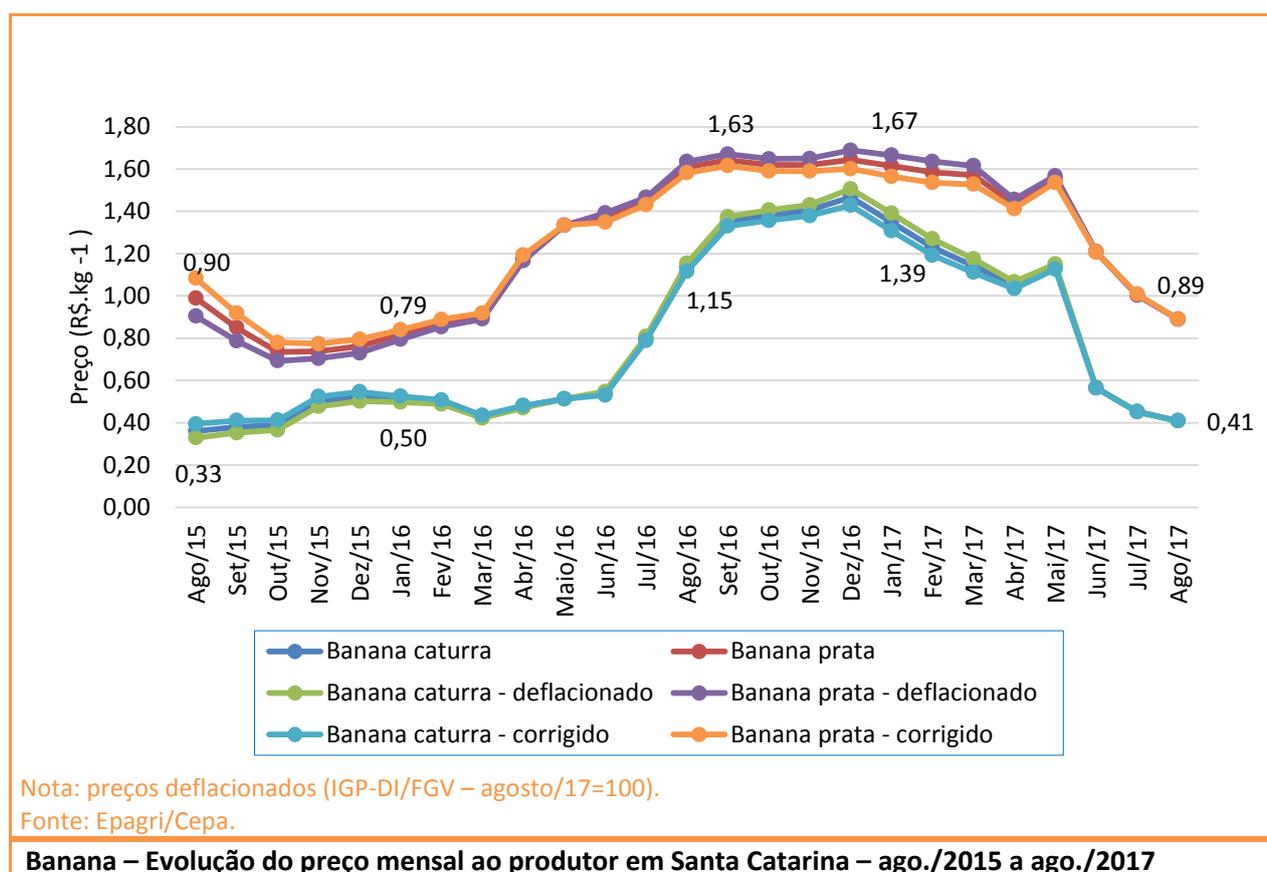
Sumário

Fruticultura	7
Banana	7
Grãos	11
Arroz	11
Feijão	13
Milho.....	16
Soja	21
Trigo.....	24
Hortaliças	27
Alho.....	27
Cebola	30
Pecuária	33
Avicultura.....	33
Bovinocultura	38
Suinocultura.....	42
Leite	47

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



O preço mensal deflacionado da banana-caturra, de janeiro a agosto de 2017, segue com retração de 70,6%. Com temperaturas mais quentes no inverno, o aumento da oferta da fruta entre junho e julho e a qualidade aquém da esperada pelo mercado reduziram as cotações da fruta no período. No acumulado de 12 meses as cotações da banana-caturra que estão nos patamares de 2015, desvalorizaram 64,5% em relação ao preço de 2016. Entre julho e agosto, com o aumento da oferta e a diminuição da demanda da fruta no mercado, não houve recuperação nos preços.

A banana-prata, em agosto de 2017, segue a mesma tendência com desvalorização de 11,3% nas cotações em relação ao mês anterior. No acumulado de 12 meses os preços estão desvalorizados em 45,5%, devido ao efeito negativo do aumento relativo na oferta da fruta. A banana-prata está com cotações próximas às de 2015, mas, com volumes maiores no terceiro trimestre de 2017. A expectativa é de manutenção dos preços para escoar a produção e aguardar o aumento sazonal da demanda a partir da segunda quinzena de setembro.

Banana – Preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹) nas principais praças de Santa Catarina – 2017

Praça	Mês		Variação (%)
	julho	agosto	
Jaraguá do Sul			
Caturra	0,34	0,28	-17,1
Prata	0,80	0,96	19,7
Sul Catarinense			
Caturra	0,52	0,54	3,4
Prata	1,18	1,15	-2,3

Nota: Valores em R\$ por cx. 20 a 22kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

Banana – Preço médio no atacado (R\$.kg⁻¹) nas principais praças de Santa Catarina – 2017

Praça	Mês		Variação (%)
	Julho	Agosto	
Florianópolis (Ceasa)			
Caturra	1,35	1,33	-0,9
Prata	2,05	1,88	-8,5
Jaraguá do Sul			
Caturra	1,47	1,26	-14,3
Prata	1,93	1,58	-18,2
Sul Catarinense			
Caturra	1,25	1,30	3,1
Prata	1,99	2,01	1,3

Nota: Valores em R\$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

No Norte Catarinense o preço ao produtor está desvalorizado devido a alta oferta nos bananais entre junho e julho e a baixa demanda com as férias escolares. A banana-prata recupera preço com aumento da demanda em agosto. No Litoral Norte de SC, a expectativa é de melhora na qualidade da fruta e aumento das exportações para escoar a produção.

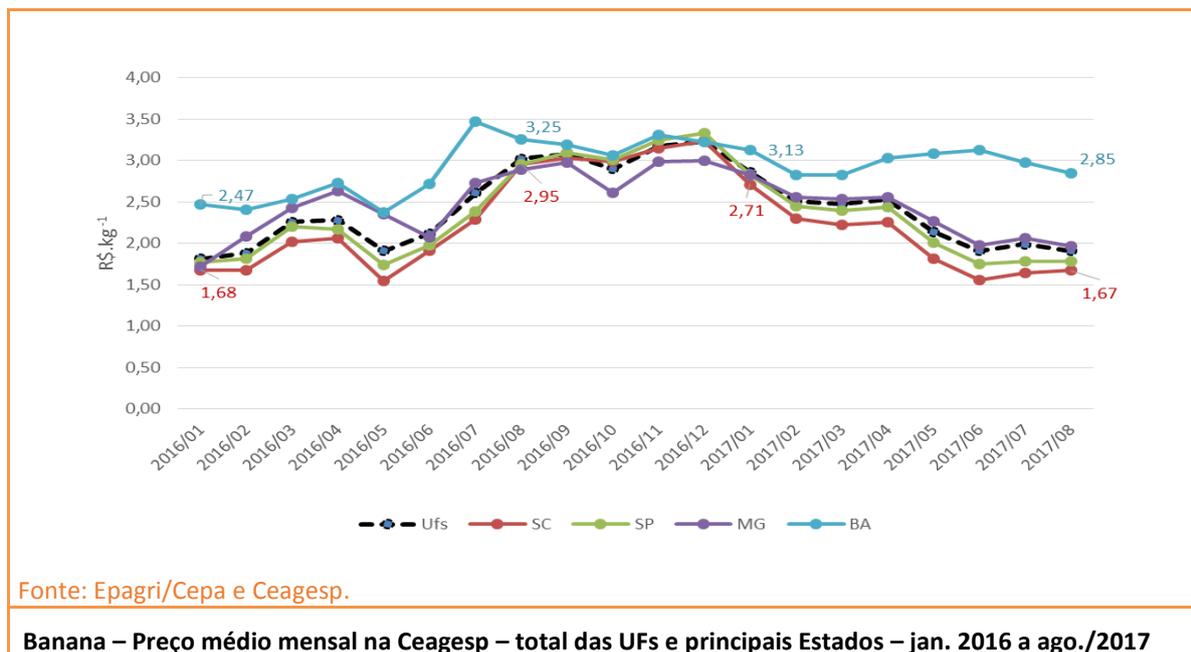
No Sul Catarinense, os preços, ainda baixos, reagem com aumento na demanda da banana-caturra da região no mercado atacadista. A expectativa é de redução na oferta em algumas localidades devido aos efeitos da estiagem nos bananais.

No atacado, os preços na Ceasa (SC) seguem a tendência de redução devido a contração da demanda pela fruta no mercado. Mas, com estas cotações os volumes comercializados estão próximos das médias de 2014 e 2015 para agosto. A expectativa é a valorização nos preços da banana catarinense com

a redução na oferta das frutas das regiões Nordeste e Sudeste do país, nos próximos meses.

O volume total da banana na Ceagesp, entre agosto de 2016 e de 2017, está 17% maior, ou seja, sendo comercializada mais 898 toneladas da fruta que no ano anterior. No mesmo período, há um aumento de 80% na oferta da banana catarinense, o que representa 28% do acréscimo da quantidade negociada na central paulistana.

Em agosto de 2017, a participação catarinense foi de 9,3% da quantidade total negociada no entreposto, com preço 1,8% maior que o do mês anterior, mas, abaixo do preço médio do mercado atacadista. A expectativa é de manutenção nos preços para redução dos estoques atacadistas.



Banana – Preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹)* nas principais praças do Brasil – 2017

Praça	Mês		Variação (%)
	Julho	Agosto	
Bom Jesus da Lapa (BA)			
Nanica	0,79	0,86	8,5
Prata	0,96	1,20	25,9
Norte de Minas Gerais (MG)			
Nanica	0,80	0,80	0,0
Prata	1,03	1,28	24,4
Vale do Ribeira (SP)			
Nanica	0,83	0,88	5,4
Prata	1,00	1,07	7,3
Vale do São Francisco (BA e PE)			
Nanica
Prata	0,92	1,04	12,8

(*) Preço médio mensal em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de Cepea/Esalq/USP.

Nas regiões produtoras, em outros estados brasileiros, as cotações da fruta estão abaixo da média dos últimos anos, sendo que a desvalorização nos preços entre junho e julho foi compensada pela valorização entre julho e agosto devido ao fim do período de férias escolares e a redução na oferta ocasionada pela estiagem que afetou os reservatórios de água utilizados para irrigação dos bananais em Minas Gerais, Bahia e no Vale do São Francisco. Em São Paulo e Santa Catarina a oferta elevada determinou preço baixos, mas, a expectativa é de recuperação nas cotações com a diminuição relativa na oferta para os próximos meses com aumento

sazonal na demanda e efeitos da estiagem no Nordeste.

Banana – Santa Catarina – Comparativo de 2016 em relação a 2017

Santa Catarina – Principais MRG com cultivo de Banana	Safrá anterior – 2016			Estimativa inicial – 2017			Estimativa atual – 2017			Var. estimativa atual/ safrá anterior (%)		
	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área plant.	Quant. Prod.	Rend. médio
Blumenau	4.254	159.806	37.566	4.253	159.819	37.581	4.253	151.828	35.699	0,0	-5,0	-5,0
Itajaí	3.925	122.900	31.312	3.924	122.844	31.306	3.924	122.844	31.306	0,0	0,0	0,0
Joinville	12.714	354.311	27.868	12.719	354.239	27.859	12.715	354.238	27.859	0,0	0,0	0,0
Araranguá	5.094	51.315	10.074	5.095	51.329	10.080	5.092	51.329	10.080	0,0	0,0	0,0
Criciúma	1.379	23.649	17.146	1.380	23.643	17.139	1.380	21.870	15.848	0,1	-7,5	-7,6
Tubarão	73	695	9.521	73	694	9.507	73	694	9.507	0,0	-0,1	-0,1
Outras	1.048	22.647	21.610	1.037	22.554	21.744	1.037	22.554	21.744	-1,0	-0,4	-0,4
Total	28.487	735.323	25.813	28.481	735.122	25.811	28.474	725.357	25.474	0,0	-1,4	-1,3

Fonte: Epagri/Cepa.

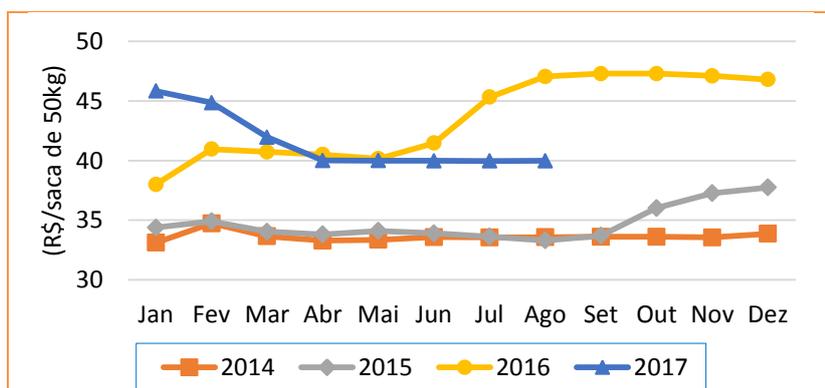
Grãos

Arroz

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Com mercado calmo, cerca de 20% da área destinada ao plantio de arroz irrigado no estado já foi semeada.

O mês de agosto foi marcado por mercado calmo, com preços se mantendo a patamares do mês anterior, o motivo foi a baixa procura pelo produto por parte das indústrias beneficiadoras, que acabaram realizando ofertas pouco atrativas aos produtores que ainda possuem produto estocado. As vendas registradas nesse período foram daqueles produtores que necessitam fazer caixa para a compra de insumos para a nova safra ou para saldar compromissos financeiros. Com consumo retraído, compradores dos setores atacadista e varejista saíram do mercado, reduzindo a procura pelo produto. Nesta mesma época do ano na safra passada, os preços pagos aos produtores estavam cerca de 17,6% superiores aos praticados atualmente. De janeiro a agosto deste ano a redução nos preços já chega a 14,6%, cenário que deixa todo setor produtivo descontente, pois mesmo com uma excelente safra, produtores certamente contabilizam prejuízos.



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado – Evolução do preço nominal ao longo dos meses – Santa Catarina (2014 - 2017)

Em Santa Catarina, o preço médio pago pela saca de 50kg de arroz irrigado em casca permaneceu estável no mês de agosto, na comparação com o mesmo mês do ano passado essa redução chega a 15%. No Rio Grande do Sul, a cotação do grão também segue estável com pequena alta de 2,7%, em julho a saca de 50kg foi cotada a R\$ 40,02, contra R\$ 41,10 contado no mês de agosto. Já no Mato Grosso e Tocantins, que comercializam arroz em sacas de

60kg, o mercado segue igualmente calmo.

Arroz – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor – safra 2016/17 – R\$/saca					
Estado	Jul./2017	Ago./2017	variação (%)	Ago./2016	variação (%)
Santa Catarina	39,97	39,99	0,05	47,05	-15,01
Rio Grande do Sul	40,02	41,10	2,70	50,37	-18,40
Mato Grosso	41,31	43,93	6,34	68,00	-35,40
Tocantins	51,00	51,95	1,86	64,87	-19,92

Nota: SC e RS = arroz irrigado em casca sc 50kg, MT e TO = arroz sequeiro sc 60kg.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Agrolink (RS/MT/TO).

Em Santa Catarina, as estimativas iniciais para a safra 2017/18 apontam que deveremos ter para esta safra uma área plantada muito próxima a que foi efetivada na temporada passada. Da mesma forma, nossos informantes estão cautelosos em fazer prognósticos mais ousados em relação a produção e rendimento das lavouras, até mesmo porque no Estado, microrregiões como Rio do Sul e Ituporanga ainda estão em ritmo de preparo de solo para semeadura. Até a semana de 04 a 10/9, cerca de 20% da área destinada ao plantio de arroz irrigado no Estado já havia sido semeada, sendo que a região mais adiantada é a do Litoral Norte, que compreende as microrregiões de Blumenau, Itajaí e Joinville, com cerca de 60% da área destinada ao plantio já semeados. Na Região Sul, que compreende as microrregiões de Tubarão, Criciúma e Araranguá, a maioria dos rizicultores segue com o preparo de solo o plantio da safra.

Arroz Irrigado – Comparativo da safra 2016/17 e safra 2017/18 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18 (estimativa inicial)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. Médio
Araranguá	51.730	401.179	7.755	51.730	401.179	7.755	0,00	0,00	0,00
Blumenau	8.379	72.962	8.708	8.376	67.345	8.040	-0,04	-7,70	-7,66
Criciúma	20.857	167.558	8.034	20.857	167.558	8.034	0,00	0,00	0,00
Florianópolis	3.095	17.336	5.601	3.095	17.336	5.601	0,00	0,00	0,00
Itajaí	9.261	76.190	8.227	9.261	73.128	7.896	0,00	-4,02	-4,02
Ituporanga	269	2.152	8.000	274	2.192	8.000	1,86	1,86	0,00
Joinville	20.036	167.916	8.381	20.036	164.871	8.229	0,00	-1,81	-1,81
Rio do Sul	10.759	89.384	8.308	10.671	97.504	9.137	-0,82	9,08	9,98
Tabuleiro	146	1.238	8.479	146	1.238	8.479	0,00	0,00	0,00
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Tubarão	21.094	160.020	7.586	21.094	160.020	7.586	0,00	0,00	0,00
Santa Catarina	148.316	1.176.234	7.931	148.230	1.172.671	7.911	-0,06	-0,30	-0,25

Fonte: Epagri/Cepa (agosto/2017).

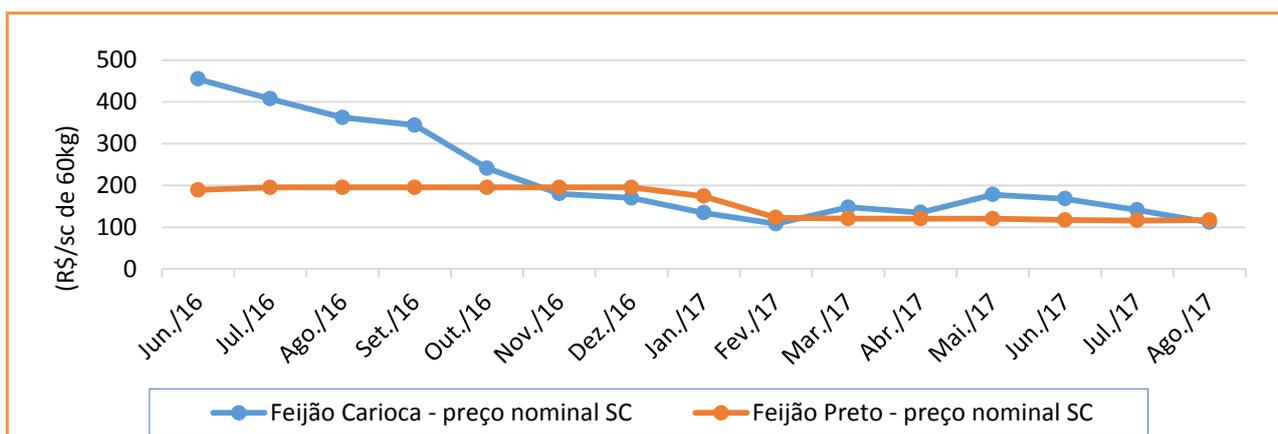
Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Área plantada no Estado com feijão 1ª safra terá aumento de 2%.

Para a nova safra de feijão 1ª que se inicia, deveremos ter leve incremento na área plantada com feijão no Estado, sobretudo para o feijão-preto. Com um estiagem que já persiste a mais de 20 dias nas principais regiões produtoras do Estado, a movimentação dos produtores para incitarem o plantio de feijão ainda é tímida, com uma janela de plantio que para o Estado vai até meados de dezembro, até a semana de 04 a 09/09, apenas 3% da área com intenção de plantio de feijão 1ª do estado já havia sido semeada. Para esta temporada, os altos custos de produção de milho e os anúncios de super safras de soja pelo mundo, prejudicando as cotações da *commodity*, são fatores fundamentais que justificam o discreto aumento na área plantada com feijão no Estado.

Desde junho do ano passado, quando o feijão-carioca atingiu preços recordes, até agosto deste ano, as cotações para o produto vem caindo mês a mês, a variação no período chega a menos 75,5%. Mesmo com produção abundante no campo, houve uma pequena recuperação no preços a partir de fevereiro de 2017 que se sustentou até maio. Depois disso os preços seguiram em trajetória de queda, sobretudo com a entrada no mercado de feijão de melhor qualidade proveniente da terceira safra brasileira de feijão e pela baixa demanda pelo produto por parte do mercado consumidor. Para o feijão-preto, o comportamento de preço no mercado brasileiro se manteve calmo, a baixa oferta interna do produto foi compensado pelas importações, segundo dados do Ministério da Indústria e Comércio, até o mês de julho já havia sido importado da Argentina, nosso principal fornecedor, cerca de 45 mil toneladas de feijão, importações que de certa forma contribuem para a redução dos preços pagos aos produtores de feijão-preto no mercado interno.



Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor de feijão carioca (Joaçaba/SC) e feijão preto (Chapecó/SC) – junho/2016 a agosto/2017.

Na praça de Joaçaba, referência para tomada de preços para o feijão-carioca no Estado, o preço mais comum para a saca de 60kg passou de R\$ 141,00 no mês de julho, para R\$ 111,18 no mês de agosto, redução de cerca de 21%, comportamento muito semelhante foi observado em São Paulo e Goiás. Já no

Estado do Paraná a redução foi um pouco menor, cerca de 16%, onde a saca de 60kg do feijão carioca passou de R\$ 108,21, para R\$ 91,15. Importante ressaltar que, a um anos atrás o produtor de feijão catarinense chegou a receber pela saca de feijão-carioca R\$ 362,38. Naquela ocasião fatores climáticos e a ocorrência de pragas e doenças nas regiões Sudeste e Centro-Oeste prejudicaram a safra brasileira, provocando um momentâneo desabastecimento, fazendo com que os preços disparassem.

Para o feijão-preto, que em Santa Catarina corresponde a cerca 60% da área plantada, os preços se mantiveram firmes no último mês, contudo a maioria dos produtores já comercializou sua produção. No mês de julho, foi pago ao produtor pela saca de 60kg na praça de referência de Canoinhas o preço mais comum de R\$ 115,85, enquanto que no mês de agosto foi pago R\$ 117,14, aumento de 1,1%.

Na Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), no último dia 11 de setembro, a saca de 60kg do feijão-carioca nota 9,5 foi comercializado a R\$ 150,00/60kg e o nota 8,5 ficou cotado a R\$ 140,00/60kg, com o mercado firme. Para o feijão-preto o comportamento do mercado é nominal, no mesmo período o feijão-preto extra foi cotado a R\$ 165,00 a saca de 60kg.

Feijão-carioca – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor safra 2016/17 – R\$/60kg

Estado	Jul./17	Ago./17	Variação (%)	Ago./16	Variação (%)
Santa Catarina	141,00	111,18	-21,15	362,38	-69,32
Paraná	108,21	91,15	-15,77	375,99	-75,76
São Paulo	149,56	123,23	-17,60	355,03	-65,29
Goiás	165,13	129,35	-21,67	364,42	-64,51

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Emater (RS), Agrolink (SP).

Feijão-preto – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor – Safra 2016/17 – R\$/60kg

Estado	Jul./17	Ago./17	Variação (%)	Ago./16	Variação (%)
Santa Catarina	115,85	117,14	1,11	195,00	-39,93
Paraná	123,05	111,63	-9,28	210,21	-46,90
Rio Grande do Sul	139,34	138,08	-0,90	212,25	-34,94

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Emater (RS), Agrolink (SP).

Feijão – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo

Produto ⁽¹⁾	10/08/2017	11/09/2017	Variação (%)	Mercado ⁽²⁾
Feijão-carioca Extra Novo (9,5)	130,00	150,00	15,38	Firme
Feijão-carioca Extra (9,0)	125,00	145,00	16,00	Firme
Feijão-carioca Especial (8,5)	115,00	140,00	21,74	Firme
Feijão-carioca Comercial (8,5)	105,00	130,00	23,81	Firme
Feijão-carioca Comercial (7,5)	95,00	115,00	21,05	Firme
Feijão-preto extra	170,00	165,00	-2,94	Nominal
Feijão-preto especial	150,00	150,00	0,00	Nominal

⁽¹⁾ Feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.

⁽²⁾ Comportamento do mercado em 11/09/2017.

Nota 1: Mercado Firme: quando os preços estiverem em alta ou quando existe uma procura acentuada do produto.

2: Mercado Nominal: quando não houve possibilidade de definir a cotação pela falta e/ou abundância de oferta.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP.

Neste mês de setembro estamos relatando nossa estimativa inicial para a cultura do feijão 1ª safra 2017/18. Os dados foram levantados à campo junto a informantes-chaves nas 20 microrregiões geográficas do Estado, são dados preliminares de intenção de plantio e de emprego de tecnologia nos sistemas de produção preconizados para a cultura. Nesta primeira safra, também conhecida como safra das águas, o

plântio de dá entre os meses de agosto a dezembro, período em que normalmente há bom regime de chuvas. Em Santa Catarina, para a safra 2016/17, o feijão 1ª safra foi responsável por cerca de 65% da área total cultivada com feijão no Estado, contribuindo com aproximadamente 73% da produção estadual de feijão.

Nessa safra 2017/18 de feijão 1ª, deveremos ter um incremento em área plantada da ordem de 2% em relação à safra passada, em termos de produção também deveremos ter um aumento em torno de 2%, já no rendimento, nossos informantes estão cautelosos, por se tratar de uma cultura que tem seu desempenho produtivo muito influenciado pelas condições climáticas, o rendimento médio nesta estimativa inicial permanece o mesmo da temporada passada.

Feijão 1ª safra – Comparativo de safra – 2016/17 e 2017/18

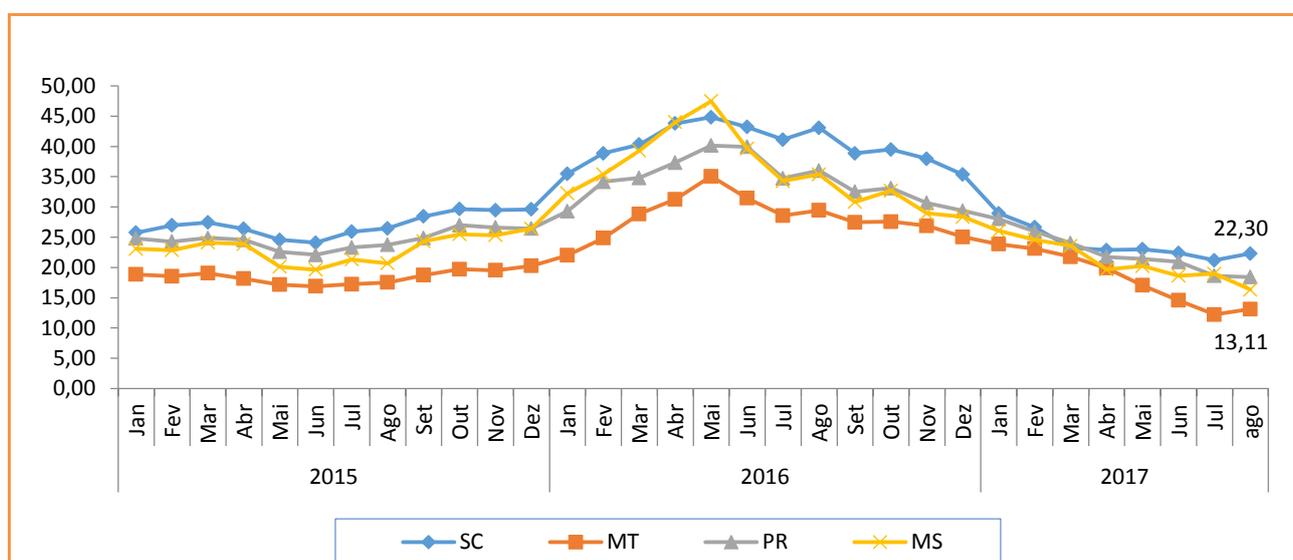
Microrregião	Safra 2016/17			Estimativa Inicial – safra 2017/18			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	107	115	1.073	98	105	1.076	-8	-8	0
Blumenau	164	168	1.024	164	164	1.000	0	-2	-2
Campos de Lages	9.520	20.192	2.121	9.680	18.557	1.917	2	-8	-10
Canoinhas	6.160	13.450	2.183	6.600	14.076	2.133	7	5	-2
Chapecó	2.362	5.051	2.138	2.688	6.071	2.259	14	20	6
Concórdia	411	627	1.526	636	972	1.528	55	55	0
Criciúma	1.076	1.346	1.251	396	519	1.312	-63	-61	5
Curitibanos	10.095	21.026	2.083	9.095	19.967	2.195	-10	-5	5
Florianópolis	140	185	1.321	140	185	1.321	0	0	0
Itajaí	7	8	1.143	7	8	1.143	0	0	0
Ituporanga	931	1.857	1.995	1.051	2.601	2.475	13	40	24
Joaçaba	3.733	7.019	1.880	3.683	6.905	1.875	-1	-2	0
Joinville	14	10	.714	14	10	714	0	0	0
Rio do Sul	602	992	1.648	659	1.841	2.794	9	86	70
São Bento do Sul	445	838	1.883	500	880	1.760	12	5	-7
São M. do Oeste	1.297	2.673	2.061	2.587	4.142	1.601	99	55	-22
Tabuleiro	400	442	1.105	485	544	1.122	21	23	2
Tijucas	264	426	1.614	184	213	1.158	-30	-50	-28
Tubarão	1.057	1.503	1.422	1.033	1.628	1.576	-2	8	11
Xanxerê	7.035	16.634	2.364	7.127	16.796	2.357	1	1	0
Santa Catarina	45.820	94.562	2.064	46.827	96.185	2.054	2	2	0

Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA - SC (ago./2017).

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Neste mês, os preços de milho nos principais estados produtores esboçaram uma reação, comportamento diferente em relação aos últimos doze meses. Em Mato Grosso foram registrados os menores preços, em Santa Catarina as cotações maiores, R\$ 13,11/sc e R\$ 22,30/sc respectivamente. O encerramento da segunda safra de Mato Grosso e Paraná influenciam esta reação e em função da retenção de estoques na mão do produtor a espera de melhor remuneração do produto.

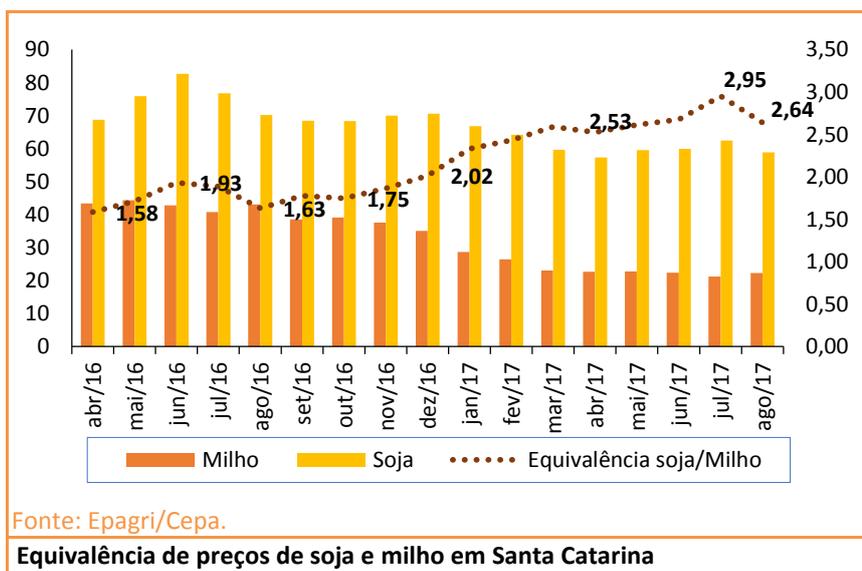


Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

Milho – Evolução do preço médio mensal real ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – 2014 a 2017 agosto

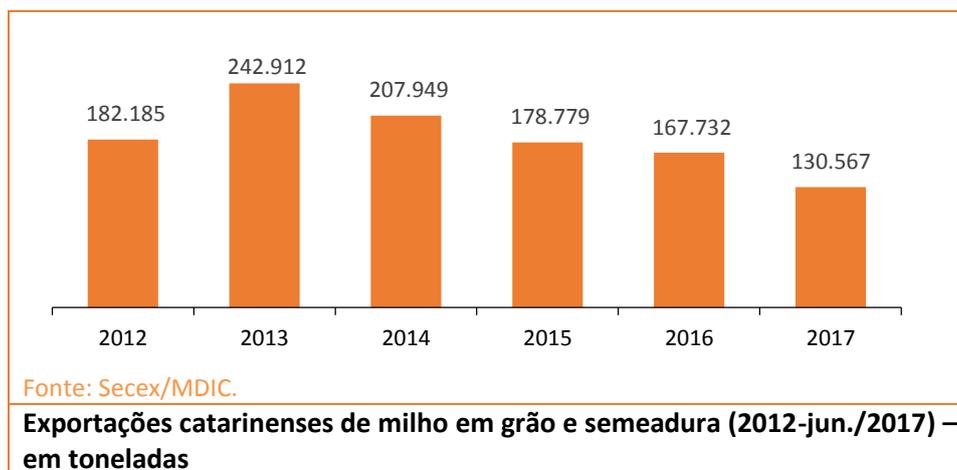
Os preços não desvalorizaram mais pela realização de leilões da Conab para a safra 2016/17, em especial negociados pelo Prêmio ao produtor rural - Pepro. Outra notícia que confere uma perspectiva de melhora do mercado são os embarques de milho do Brasil atingiram 2,3 milhões de toneladas em julho, incremento de 122,2% em relação ao mesmo mês 2016, período em que foram exportadas um pouco mais de 1 milhão de toneladas¹, em agosto os embarques também se mostraram significativos, no entanto, a evolução das exportações ao longo dos próximos meses e o acumulado no ano deverá ser um melhor indicador. Em Santa Catarina, os preços médios fecharam em R\$ 21,18 em julho R\$ 22,30 em agosto a saca de 60kg na praça de Chapecó (praça referência no estado). A safra de milho no estado registrou números significativos e com boa qualidade dos grãos na safra que se encerrou 2016/17, embora represente um mercado pouco expressivo no que se refere ao mercado externo registrou exportações de 130.567 toneladas no acumulado de janeiro a agosto de 2017.

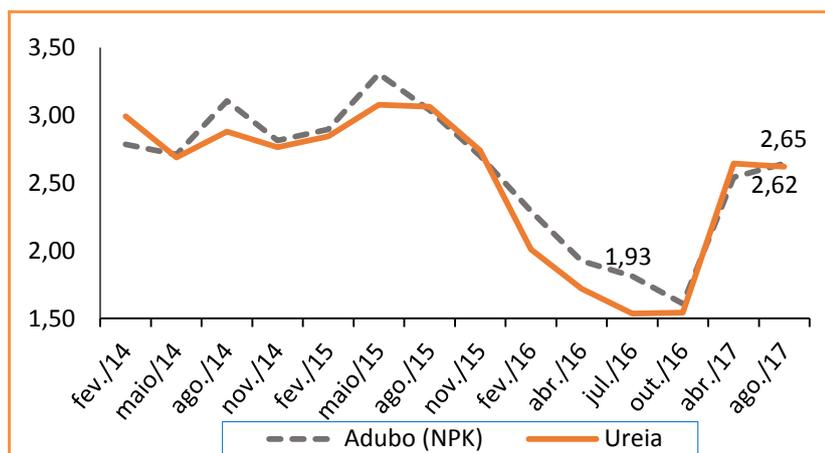
¹ MDIC. Exportações. <http://alicesweb.mdic.gov.br//consulta-ncm/consultar>



Na comparação entre os preços de milho e soja no estado, observa-se que os preços da soja até julho reagiu, no entanto, sofreu uma retração em agosto de 5%, enquanto o milho teve uma reação de 5,3% no mesmo período. Isso resultou em uma equivalência de preços de 2,64, bem acima do observado no mês de julho de 2016, que foi 1,93. Mesmo com a redução desta reação em agosto, indica que a soja, principal concorrente em área do milho, tem se mostrado mais vantajosa quando se leva em

consideração os custos de produção e a rentabilidade em Santa Catarina. Considera-se que no estado, quando essa relação de equivalência é superior a 2,3 as condições de produção são favoráveis ao sojicultor. Com a valorização dos preços da soja maior do que o milho, esta posição tende a se consolidar e influenciar na decisão do produtor em reduzir a área de plantio de milho para safra 2017/18.





Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preço – Sacas de milho necessárias para compra de fertilizantes

Quanto aos preços dos insumos, observa-se que a redução dos preços do milho nos últimos meses resultou em aumento da equivalência de preços entre os grãos e seus principais insumos. No mês de agosto foram necessárias cerca de 2,62 sacas de 60kg milho para adquirir um saco de adubo NPK (0-20-20) de 50kg e 2,65 sacos de milho para adquirir um saco de 50kg de ureia. Em abril 2016 a relação estava em 1,72 e 1,93 para ureia. Além da redução do preço do milho, destaca-se que houve um aumento nos preços dos insumos no estado, seguindo a tendência nacional, haja

vista a instabilidade econômica e forte oscilação do dólar. Tal valorização se explica pelo fato de naquele mês os preços do milho grão estar elevados e os preços dos insumos terem sofrido leve redução. A relação de troca com os principais insumos, é um dos fatores que o produtor deve levar em consideração no momento de venda do produto e também influencia no momento da nova safra.

A safra de milho no estado para 2016/17 registrou uma variação de área cultivada de 2,12% superior em relação à safra anterior. Confirmou boa produtividade (14,8% maior) para o grão no estado, a produção foi 17,27% superior em relação à safra anterior. A área cultivada em 2016/17 foi de 379 mil hectares e produção de 3,2 milhões de toneladas. A produtividade média alcançada no estado é de 8,5 toneladas por hectare, bem acima da média nacional, de 5,5 t/ha. Esta safra que se encerrou foi considerada portanto, uma das maiores nos últimos dez anos.

Estimativa – Safra 2017/18 – milho grão

A estimativa de plantio para a nova safra 2017/18 milho-grão está sendo apresentada este mês pela Epagri/Cepa com expectativa de redução de área 12,36% e 4,7% no rendimento em relação a safra anterior, o que poderá resultar na redução da produção em torno de 16% (Tabela milho-grão – estimativa 2017/18). Este indicativo está em função dos fatores já mencionados, baixo nível dos preços ao produtor neste ano, elevação do custo de produção e a opção pela soja, que apresenta preços mais estáveis. No Oeste começaram a semeadura, porém ainda muito pouco até o momento (15/set.), pois produtores aguardam a chuva para intensificar o implantação das lavouras na época recomendada. A área estimada para cultivo com o cereal no estado deverá reduzir de 362.987 ha para 318.109 ha, estes números são preliminares, há de se ressaltar que, o programa Terra Boa da Secretaria da Agricultura de Santa Catarina já disponibilizou 220 mil sacas de sementes, praticamente todo retirado nas Cooperativas. O que explica a redução menor das estimativas de plantio e produção em relação aos outros estados do sul. Neste ambiente, há indicativos de redução da produção de milho no Sul (1ª safra – verão) em torno 37% (PR) e 23% (RS) em relação a safra verão 2016/17 (SEAB/Deral; Emater/RS).

Em síntese, podemos ressaltar que alguns fatores contribuíram para a redução de plantio de milho no estado:

- os custos de produção estão elevados em relação a anos anteriores;
- elevado preço das semente em relação ao preço do produto no mercado;

- recorde de produção da segunda safra no Mato Grosso e Paraná, elevaram os estoques internos;
- relação de milho/soja, já detalhado anteriormente;
- fraca recuperação dos preços internacionais e câmbio;

Milho grão 1ª safra – Estimativa da safra 2017/18 e variação em relação a 2016/17 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araguariá ⁽¹⁾	7.209	28.766	3.990	7.734	53.433	6.909	7,28	85,75	73,15
Blumenau	1.567	5.967	3.808	1.567	5.967	3.808	0,00	0,00	0,00
Campos Lages	36.010	264.126	7.335	31.630	234.414	7.411	-12,16	-11,25	1,04
Canoinhas	32.100	304.670	9.491	28.800	267.460	9.287	-10,28	-12,21	-2,15
Chapecó	59.025	521.942	8.843	51.700	473.041	9.150	-12,41	-9,37	3,47
Concórdia	23.930	201.858	8.435	22.230	191.815	8.629	-7,10	-4,98	2,29
Criciúma	7.154	42.318	5.915	6.670	46.383	6.954	-6,77	9,61	17,56
Curitibanos	21.608	239.546	11.086	17.360	180.834	10.417	-19,66	-24,51	-6,04
Florianópolis	619	2.299	3.714	619	2.299	3.714	0,00	0,00	0,00
Itajaí	53	196	3.698	53	196	3.698	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	11.120	78.125	7.026	9.744	63.525	6.519	-12,37	-18,69	-7,21
Joaçaba	59.684	630.233	10.560	49.130	445.068	9.059	-17,68	-29,38	-14,21
Joinville	340	1.160	3.412	340	1.160	3.412	0,00	0,00	0,00
Rio do Sul	20.930	129.932	6.208	19.225	109.719	5.707	-8,15	-15,56	-8,07
São B. do Sul	5.000	35.200	7.040	4.400	32.960	7.491	-12,00	-6,36	6,40
São M. Oeste	39.500	330.930	8.378	35.340	246.754	6.982	-10,53	-25,44	-16,66
Tabuleiro	3.457	11.801	3.414	3.457	11.801	3.414	0,00	0,00	0,00
Tijucas	1.705	6.764	3.967	1.705	6.764	3.967	0,00	0,00	0,00
Tubarão	4.696	22.990	4.896	5.185	32.215	6.213	10,41	40,13	26,91
Xanxerê	27.280	288.392	10.572	21.220	221.805	10.453	-22,21	-23,09	-1,12
Santa Catarina	362.987	3.147.214	8.670	318.109	2.627.613	8.260	-12,36	-16,51	-4,73

⁽¹⁾ Microrregião de Araranguá e Tubarão teve seu rendimento de grão ajustados relativo a safra passada.

Fonte: Epagri/Cepa.

Estimativa – Safra 2017/18 – milho silagem

O milho destinado à produção de silagem, diferentemente do milho grão, vem apresentando crescimento constante ao longo dos últimos anos, seja em relação a área de plantio, como produção. No comparativo safras 2015/16 e 2016/17 verificou-se incremento de 4,5% na área plantada e 14,39% na produção, resultando em 220 mil hectares e 9,37 milhões de toneladas, estimulado em especial pelo crescimento da produção leiteira do estado. Para a próxima safra, a estimativa inicial é de crescimento da área em 2%, passando de 221,6 mil hectares para 226,1 mil hectares. No entanto, o rendimento não deverá se repetir, em função de que, na safra anterior, as condições meteorológicas foram excelentes e, há indicativos de que para a próxima safra estas condições não se repitam. Considerando também que, os agricultores estão optando por cultivares de média tecnologia em função dos elevados custos de sementes de híbridos de ponta.

Destacamos a expressiva área de milho cultivada para silagem nas regiões de Chapecó e São Miguel do Oeste, que juntas somam em torno de 105 mil ha, 48% do total do estado, sendo explicado pela expressiva presença da pecuária leiteira nestas regiões. Chapecó e São Miguel do Oeste constituem nas duas maiores produtoras de leite do estado, com forte expansão nos últimos anos, participando com aproximadamente 30% de toda a produção do estado.

Milho silagem – Acompanhamento da safra 2016/17 e 2017/18 – Santa Catarina									
Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18 estimativa inicial			Estimativa. Inical/ safra ant.(%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. (Kg/ha)
Araranguá	4.847	166.919	34.438	4.872	167.944	34.471	0,5	0,6	0,1
Blumenau	1.824	70.895	38.868	1.824	70.895	38.868	0,0	0,0	0,0
Campos Lages	5.530	270.550	48.924	5.690	277.050	48.691	2,9	2,4	-0,5
Canoinhas	4.150	163.000	39.277	4.670	172.750	36.991	12,5	6,0	-5,8
Chapecó	57.700	2.629.000	45.563	57.160	2.620.435	45.844	-0,9	-0,3	0,6
Concórdia	26.630	980.900	36.834	27.080	1.239.400	45.768	1,7	26,4	24,3
Criciúma	3.808	180.490	47.398	4.324	195.163	45.135	13,6	8,1	-4,8
Curitibanos	2.550	138.450	54.294	2.550	114.750	45.000	0,0	-17,1	-17,1
Florianópolis	331	13.700	41.390	331	13.700	41.390	0,0	0,0	0,0
Itajaí	61	1.827	29.951	61	1.827	29.951	0,0	0,0	0,0
Ituporanga	2.350	95.000	40.426	2.350	81.150	34.532	0,0	-14,6	-14,6
Joaçaba	15.520	922.650	59.449	15.520	698.400	45.000	0,0	-24,3	-24,3
Rio do Sul	14.680	542.550	36.958	14.680	496.050	33.791	0,0	-8,6	-8,6
São B. do Sul	610	34.900	57.213	650	24.900	38.308	6,6	-28,7	-33,0
São M. do Oeste	47.905	1.879.275	39.229	50.205	1.979.025	39.419	4,8	5,3	0,5
Tabuleiro	1.339	71.998	53.770	1.339	71.998	53.770	0,0	0,0	0,0
Tijucas	2.506	72.050	28.751	2.506	72.050	28.751	0,0	0,0	0,0
Tubarão	12.626	487.676	38.625	12.624	488.204	38.673	0,0	0,1	0,1
Xanxerê	16.720	855.200	51.148	17.670	881.700	49.898	5,7	3,1	-2,4
Santa Catarina	221.687	9.577.030	43.201	226.106	9.667.391	42.756	2,0	0,9	-1,0

Fonte:

Milho nacional:

Milho primeira safra: produção de 30,46 milhões de toneladas, crescimento de 18,3% em relação à safra anterior.

Milho segunda safra: colheita em finalização, com estimativa de produção total de 67,25 milhões de toneladas, cultivadas em 12 milhões de hectares.

Referências

Conab: Acompanhamento da safra brasileira de grãos, v. 4 - Safra 2016/17, n 12 - Décimo segundo levantamento, setembro 2017.

http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/17_09_12_09_01_56_boletim_graos_setembro_2017.pdf

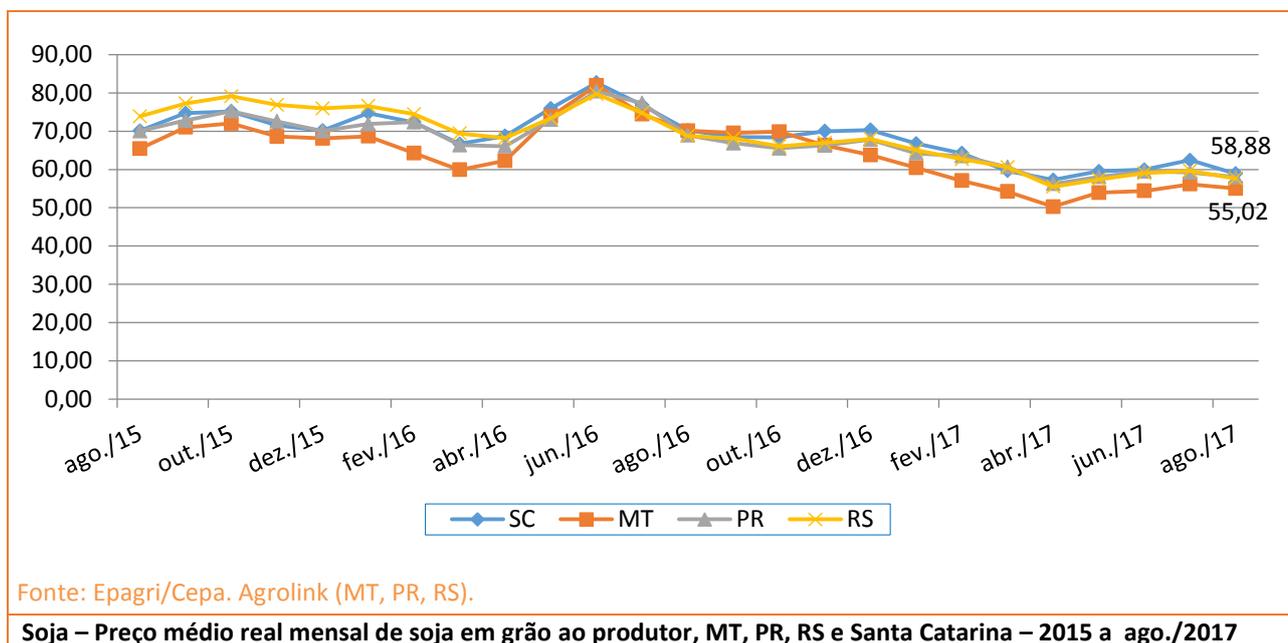
Usda: **World Markets and Trade, July, 2017**. Consulta em 2 ago./2017:

<http://usda.mannlib.cornell.edu/usda/current/wasde/wasde-07-12-2017.pdf>

Soja

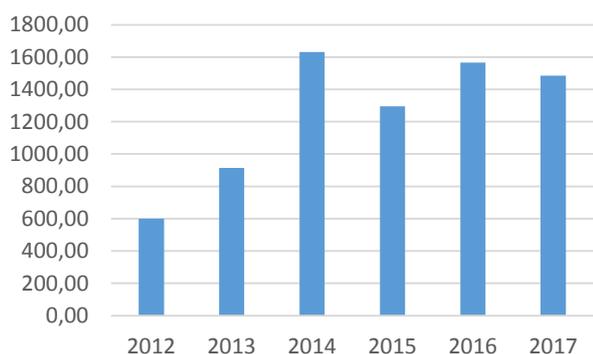
Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Os preços da soja em registrados em agosto de 2017 romperam com o ritmo de valorização nos principais estados produtores. Desde abril mantinha um ritmo de valorização, no entanto, em agosto os preços recuaram, fechando em R\$ 55,02, R\$ 58,04 e R\$ 57,65 no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de julho os preços em tais estados produtores recuaram em média 3,27%. No comparativo com o mesmo mês no ano passado, a variação média nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de -17,4%. Em Santa Catarina os preços apresentaram ligeira alta, R\$ 59,95 junho para 62,45 em junho, o que representa uma variação de 5,7%. Já em comparação com o mesmo mês de 2016, os preços reais reduziram em 16%, aproximadamente. A safra expressiva tanto para o Brasil como para os demais países produtores estavam reforçando a tendência de queda dos preços até abril, no entanto, a correção negativa dos estoques mundiais no relatório do Usda em final de junho, que indicou menores estoques e área semeada nos Estados Unidos. Nesse cenário, as cotações de soja americanas aumentaram, o que ajudou a elevar os valores no Brasil em julho. Agora, o novo relatório da estimativa de safra 2017/18 da Usda² de 10 de agosto e setembro, trouxe números maiores do que o esperado para a soja nos Estados Unidos, os quais ficaram, portanto, acima das expectativas, o que influenciou o mercado no recuo dos preços neste mês.



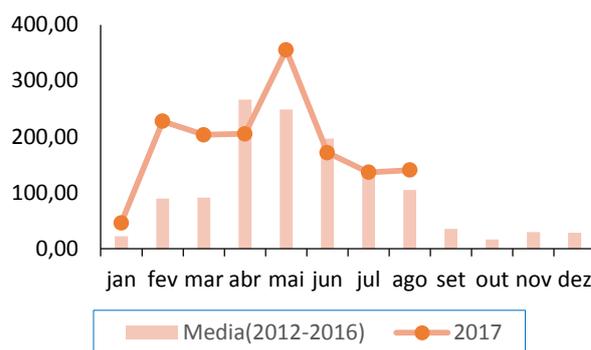
² Usda. Released August 10, 2017, by the National Agricultural Statistics Service (NASS), Agricultural Statistics Board, United States Department of Agriculture (Usda). <http://usda.mannlib.cornell.edu/usda/current/CropProd/CropProd-08-10-2017.pdf>

Em Santa Catarina, embora a participação na produção nacional seja pouco expressiva, a boa expectativa para a safra também geraram efeitos negativos sobre os preços desde meados do ano anterior. Quanto ao comportamento do mercado soja, todas as situações e análises encontraram um cenário de mudanças influenciado pelas condições climáticas na região produtora dos Estados Unidos, em especial no mês de julho/agosto, período que as culturas de milho e soja estarão em fase de enchimento de grãos e início da colheita, ou seja consolidação da produção naquele país, que por sua vez contribui para os níveis de estoques mundiais e influencia o mercado mundial da oleaginosa.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Acumulado das exportações da soja em grão e semente de Santa Catarina (2012 a ago./2017), em mil toneladas



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Exportações mensais da soja em grão de Santa Catarina (2012 a ago./2017), em mil toneladas

No mês de julho de 2017 as exportações catarinenses totalizaram 140,3 mil toneladas, valor um pouco abaixo da média dos últimos cinco anos para o mês. No acumulado do ano, o volume exportado de janeiro a agosto foi cerca de 10% acima do volume exportado no mesmo período de 2016, fechando em 1.485 mil toneladas. Os principais destinos das exportações são China, Rússia, Coreia do Sul e Tailândia.

A produção de Santa Catarina na safra 2016/17 foi de 2,4 milhões de toneladas em uma área de 658 mil hectares. As condições meteorológicas favoráveis, com chuvas regulares, boa insolação em grande parte da área produtiva do estado, bem como a tecnologia adotada, resultaram em produtividade média de 3,6 toneladas por hectare, cerca de 11% acima da obtida na safra 2015/16. Essa combinação de aumento da área e da produtividade, resultou em produção 13,4% maior em relação à safra anterior.

Para a Safra 2017/18, a estimativa inicial de cultivo da leguminosa confirma a crescente expansão em termos de área, há expectativa de incremento de área de 7,3% em relação a safra anterior 2016/17. Esta área conquistada vem da redução principalmente de área do milho. No entanto, quanto ao rendimento, há um indicativo de variação de -2,3%, uma vez que a safra anterior foi incomum, apresentando rendimento nunca antes verificado em função das condições climática já mencionadas anteriormente.

Soja – Santa Catarina – Acompanhamento da safra 2016/17-2017/18									
Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18 - Estimativa inicial			Est. Inicial/safra ant. (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. (Kg/ha)
C. de Lages	59.770	199.292	3.334	62.950	213.768	3.396	5,3	7,3	1,8
Canoinhas	131.600	501.870	3.814	140.300	500.480	3.567	6,6	-0,3	-6,5
Chapecó	88.512	292.035	3.299	94.135	312.426	3.319	6,4	7,0	0,6
Concórdia	5.617	20.309	3.616	6.076	19.935	3.281	8,2	-1,8	-9,3
Curitibanos	107.680	448.976	4.170	113.008	459.392	4.065	4,9	2,3	-2,5
Ituporanga	7.690	30.174	3.924	8.630	27.924	3.236	12,2	-7,5	-17,5
Joaçaba	57.010	237.675	4.169	67.664	255.994	3.783	18,7	7,7	-9,3
Rio do Sul	3.935	13.709	3.484	4.435	13.785	3.108	12,7	0,6	-10,8
São Bento do Sul	15.000	49.900	3.327	15.700	51.000	3.248	4,7	2,2	-2,4
São M. do Oeste	42.790	128.454	3.002	44.870	139.201	3.102	4,9	8,4	3,3
Xanxerê	138.650	491.408	3.544	148.370	536.368	3.615	7,0	9,1	2,0
Santa Catarina	658.254	2.413.801	3.667	706.138	2.530.274	3.583	7,3	4,8	-2,3

Fonte: Epagri/Cepa.

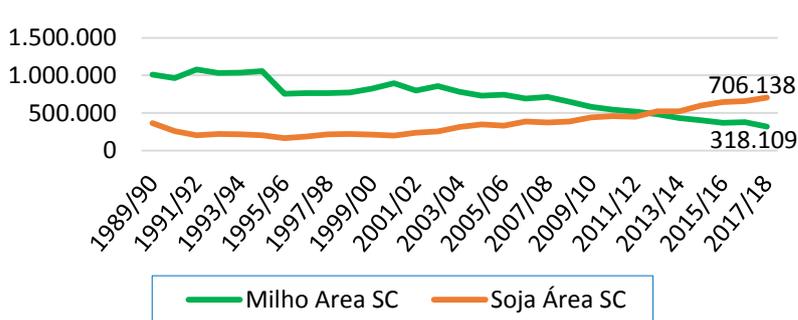
Perguntas que ressurgem quando antecede nova safra

Qual o limite de expansão do soja?

Considerando que as áreas utilizadas com cultivos anuais: milho grão, milho silagem, soja, feijão, fumo e arroz irrigado, ficam em torno de 1.500.000ha em Santa Catarina, a expansão da soja implica necessariamente na redução principalmente do cultivo do milho.. Isso se deve à pouca expressão de área com cultivo de feijão e das características peculiares do cultivo do arroz irrigado e fumo que mantém suas áreas de cultivo estável. O avanço da soja sobre áreas de campo nativo ainda vem ocorrendo, restando algumas áreas de fronteira agrícola no planalto serrano e norte do estado.

Qual a opção de cultivo na próxima safra: soja ou milho?

Considerando que a demanda por milho no estado é muito superior a produção, teoricamente o milho seria a alternativa econômica mais indicada. Porém, a agroindústria local tem se abastecido com milho da segunda safra principalmente do Paraná, Mato Grosso do Sul e Paraguai. Esses estados com oferta bem mais ampla tem regulado os preços do cereal e que em situações como esta de 2016/2017 tornam a produção Catarinense de milho inviável economicamente ao produtor em função dos custos e escala de produção. Diante de esse cenário produzir milho em Santa Catarina tem muito mais um apelo como cultura de rotação e de fornecimento como silagem, mas com baixa probabilidade de deixar um resultado econômico significativo para o produtor.



Fonte: IBGE, 2017. Epagri/Cepa.

Soja x Milho – Evolução da área cultivada em Santa Catarina de 1990 – 2018 – estimativa 1ª safra milho

Diante de esse cenário produzir milho em Santa Catarina tem muito mais um apelo como cultura de rotação e de fornecimento como silagem, mas com baixa probabilidade de deixar um resultado econômico significativo para o produtor.

Desta forma, a evolução da área de cultivo da soja do estado tende a seguir sua trajetória de crescimento.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Falta de chuvas no Estado começa a preocupar produtores de trigo

Em Santa Catarina, cerca de 8,0% da área plantada com trigo encontra-se em fase de florescimento, esse percentual corresponde a uma área de 4.000ha, sendo que as microrregiões mais adiantadas são Chapecó, Concórdia e Xanxerê. O atraso no desenvolvimento das lavouras ocorre em função do retardo na semeadura, provocado pela estiagem ocorrida entre os meses de maio e junho. A estiagem também fez que muitas lavouras ficassem com plantas desuniformes e amareladas pela impossibilidade da realização das adubações de cobertura. Com plantas iniciando a fase reprodutiva como o alongamento do colmo, espigamento e florescimento as lavouras apresentam falhas e plantas de baixo porte, sinais de que poderemos ter redução na produção e produtividade das lavouras. No Estado do Paraná, que semeia trigo mais cedo que Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a colheita avança em ritmo normal. Segundo o Departamento de Economia Rural do Paraná – Deral, até o final da primeira semana de setembro, cerca de 16% da área plantada já havia sido colhida, sendo que desse percentual 49% encontrava-se em boa condição. No Rio Grande do Sul, a expectativa é que até final de setembro iniciem as operações de colheita. Segundo a Emater/RS, os problemas climáticos enfrentados pela cultura desde o plantio até o presente momento estão dificultando muito o desenvolvimento das lavouras, que estão apresentando grande variabilidade de potencial produtivo e com altos índices de incidência de pragas e doenças.

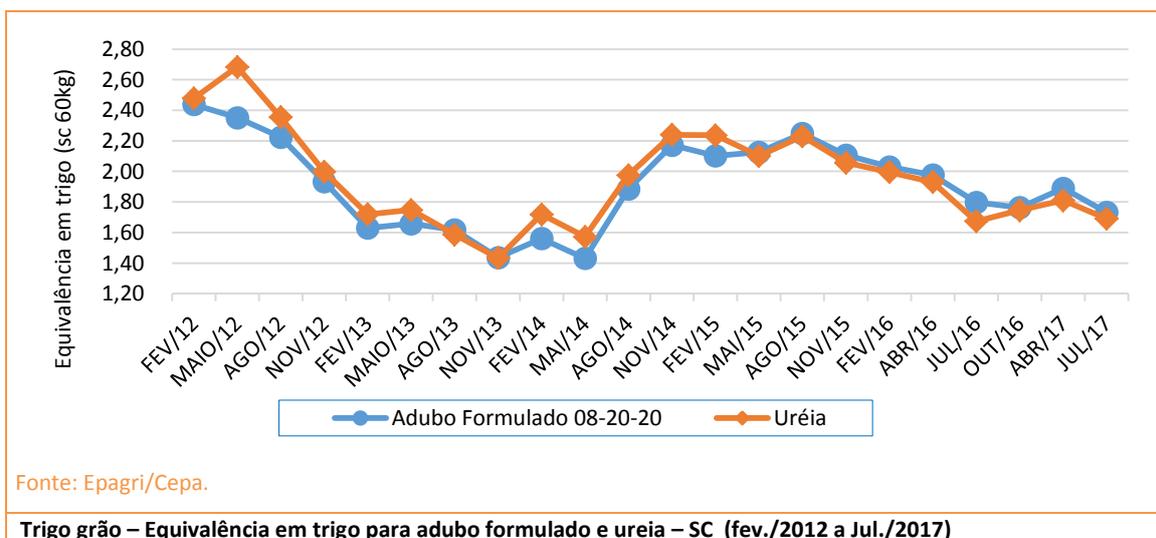
Em relação a evolução dos preços pagos aos produtores de trigo em Santa Catarina, mercado de balcão, no mês de agosto tivemos pequena alta de 0,52% em relação ao mês anterior. Já quando comparamos com agosto de 2016, a redução foi de mais de 17% (preços nominais). Já no estado do Paraná, segundo levantamento realizado pelo Seab/Deral, os preços ofertados aos produtores de trigo caíram 0,28%, em julho a saca de 60kg do cereal ficou cotada a R\$ 35,11, contra R\$ 35,01 no mês de agosto. Já no Rio Grande do Sul, segundo dados da Emater/RS, os preços também caíram cerca de 0,12%, lá o preço pago pela saca de 60kg passou de R\$ 32,13 em julho, para R\$ 32,09 em agosto. Considerando o mês de agosto de 2016, a variação no ano foi negativa em cerca de 23,5%.

Trigo grão – Preços médios pagos ao produtor – safra 2016/17 – R\$/saca de 60kg					
Estado	Jul./2017	Ago./2017	variação (%)	Ago./2016	variação (%)
Santa Catarina	34,57	34,75	0,52	41,96	-17,18
Paraná	35,11	35,01	-0,28	43,96	-20,36
Rio Grande do Sul	32,13	32,09	-0,12	41,96	-23,52
São Paulo	38,54	39,90	3,53	52,14	-23,48

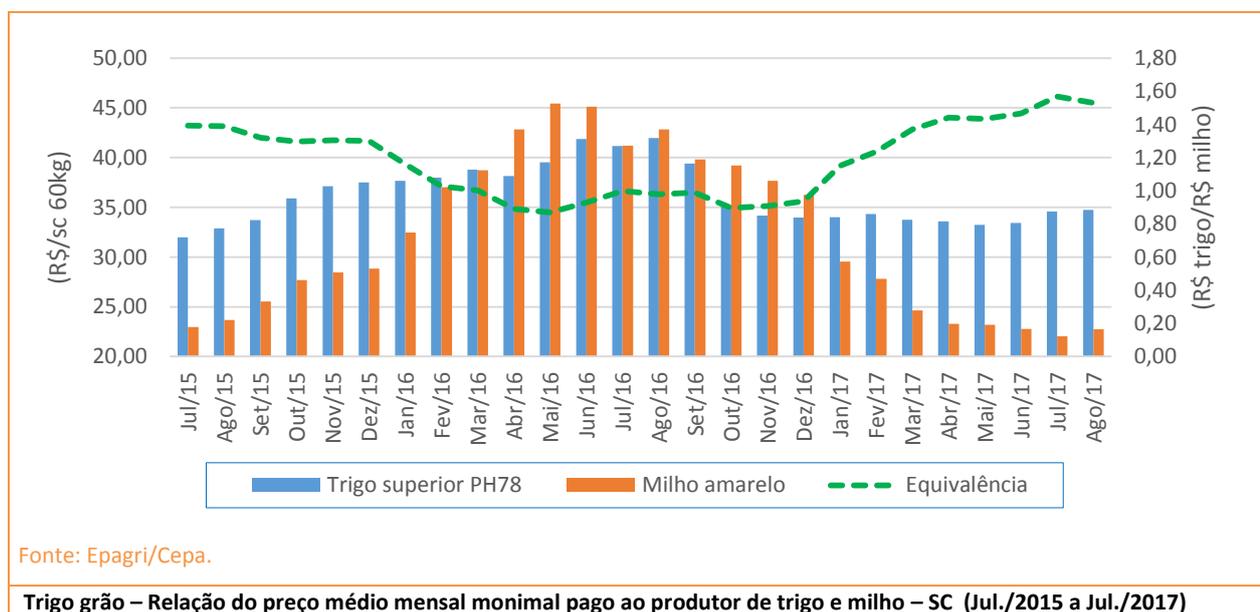
Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Emater (RS), Agrolink (SP).

No mês de julho atualizamos os preços pagos pelos produtores catarinenses pelos insumos, serviços e demais fatores de produção. Para a cultura do trigo, tomamos os preços de dois importantes insumos utilizados nos sistemas de produção, que foi o adubo formulado 08-20-20 e a uréia. É possível constatar que houve uma redução no custo de aquisição desse insumos, em abril de 2017 para adquirir uma saca de 50kg de adubo,

Foi necessário desembolsar o equivalente a 1,89 sacos de trigo grão, em julho esse desembolso foi de 1,73 sacos de trigo, redução de 8,5%. O adubo ureia seguiu a mesma tendência, em abril foi gasto 1,81 sacos de trigo para a aquisição de uma saca de 50kg de ureia, contra o 1,69 sacos de trigo gastos em julho, redução de 6,6%.



A trajetória de queda dos preços do milho em 2017 em Santa Catarina, foi observada também nos preços do trigo. Embora as duas culturas não sejam concorrentes por área, é interessante analisar que quando os preços do milho dispararam em 2016, a relação de equivalência ficou em torno de 1,0. Já em agosto de 2017 essa equivalência ficou em 1,58, o seja, favorável ao produtor de trigo.



No mês de agosto nossas estimativas apontam nova redução de área plantada na cultura do trigo no Estado para a safra 2017/18. É esperado o plantio de aproximadamente 51 mil hectares, número que representa uma redução de 26% em relação ao que foi plantado na safra passada. Em todas as importantes microrregiões produtoras de trigo do Estado houve variação negativa na estimativa de área plantada, com destaque para Canoinhas (-38%), Chapecó (-17%), Joaçaba (-28%), Curitibanos (-29%) e Xanxerê (-25%). Em relação à produção, nossos levantamentos apontam que haverá redução significativa da ordem de 29% em relação a safra passada. Com apenas 8% da área plantada em floração, a estiagem que atinge as principais regiões produtoras desde o dia 20 de agosto começa novamente a preocupar os produtores.

Trigo grão – Comparativo da safra 2016/17 e Estimativa atual da safra 2017/18									
Microrregião	Safra 2016/17			Estimativa atual – safra 2017/18			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	1.700	6.030	3.547	920	2.792	3.035	-46	-54	-14
Canoinhas	14.900	54.474	3.656	9.280	32.634	3.517	-38	-40	-4
Chapecó	16.610	46.491	2.799	13.820	39.884	2.886	-17	-14	3
Concórdia	622	1.742	2.800	906	2.511	2.771	46	44	-1
Curitibanos	10.648	44.486	4.178	7.510	29.196	3.888	-29	-34	-7
Ituporanga	1.585	4.128	2.604	505	1.185	2.346	-68	-71	-10
Joaçaba	4.790	18.590	3.881	3.440	13.058	3.796	-28	-30	-2
Rio do Sul	445	1.045	2.348	225	508	2.258	-49	-51	-4
São Bento do Sul	250	843	3.372	150	450	3.000	-40	-47	-11
São M. do Oeste	2.295	7.325	3.192	2.805	8.532	3.042	22	16	-5
Xanxerê	15.175	43.719	2.881	11.425	32.668	2.859	-25	-25	-1
Outras	68	180	2.647	-	-	-	-	-	-
Santa Catarina	69.088	229.052	3.315	50.986	163.417	3.205	-26	-29	-3

Fonte: Epagri/Cepa (ago./2017).

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Boas perspectivas de produção para a Safra Catarinense de alho.

Considera-se que a Safra Catarinense de alho foi toda comercializada. Santa Catarina é o principal produtor nacional, com aproximadamente 2.500ha de área plantada na safra 2017/18, participação superior a 20% da área plantada no Brasil.

É de conhecimento geral e do mercado que a safra que ora se encerrou, desenvolveu-se em condições climáticas muito favoráveis com chuvas adequadas e bem distribuídas durante todo o período de desenvolvimento e colheita da cultura. Condições que associadas ao nível tecnológico das lavouras, contribuíram para uma safra extraordinária em produtividade e qualidade dos bulbos.

Os resultados da safra 2016/17, propiciaram um ambiente de otimismo em relação a próxima safra que já se encontra em desenvolvimento vegetativo. De modo geral, as Lavouras foram bem implantadas e estão sendo conduzidas manejadas com adequadas tecnologias, dentre elas inclusive irrigação, que prepondera junto aos produtores do alho catarinense.

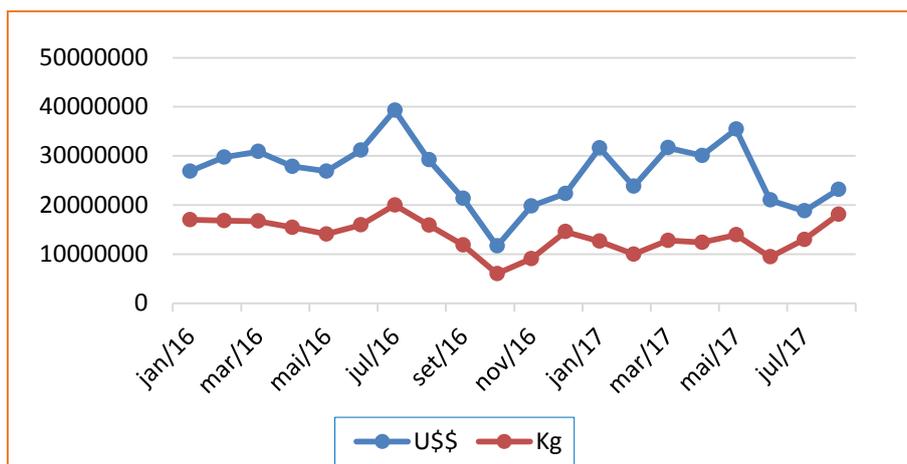
Cabe reforçar que este cenário geral de diferentes incrementos tecnológicos e também de área, se reflete nacionalmente, como dito e alertado anteriormente. Com isso cabe uma atenção especial dos produtores para que façam uma boa gestão de seus custos de produção das lavouras e qualidade da produção, pois o mercado da próxima safra deverá apresentar-se mais ofertado e concorrido, e poderá refletir nos preços pagos aos produtores.

Corroboram para este cenário da próxima safra, fortes indicativos de que a mesma deverá ter grande oferta do produto e tenderá a ser maior que a atual. Dessa forma, a concorrência e disputa de espaço para a comercialização poderá ser mais acirrada. Esse cenário para a safra 2017/18 tem como base informações de aumento da área de plantio em todas as regiões brasileiras tradicionalmente produtoras e de incremento significativo, segundo algumas fontes apontam, de até 20% na área plantada na nova safra em países tradicionais exportadores de alho, a exemplo da China.

Conforme já comentamos no boletim do mês passado, o levantamento de campo da Epagri/Cepa prevê aumento da área plantada em Santa Catarina na ordem de 20% para a safra 2017/18, em relação à safra 2016/17.

Quanto ao desenvolvimento da safra atual, as informações de campo são de pleno desenvolvimento das lavouras, e cujo estado fitossanitário das mesmas é excelente. As condições climáticas em geral estão colaborando e por outro lado, os produtores nos últimos anos tiveram condições de investir em estruturas de produção que asseguram a redução de riscos à sinistros como por exemplo déficit hídrico. Nas principais regiões produtoras de alho em Santa Catarina, mais de 95% da área de produção tem irrigação o que é um fator importantíssimo de segurança e competitividade para toda a cadeia produtiva. Nesse sentido, a falta de precipitações ocorridas nos meses de junho e julho não acarretaram déficit hídrico nas lavouras, de modo que o problema foi contornado com relativa facilidade pelos produtores e sem prejuízos às lavouras.

Com relação ao mercado, o Brasil é o segundo maior importador mundial de alho, conforme a FAO/2013. As importações de janeiro a agosto de 2016 foram de 131,81 mil toneladas e no mesmo período de 2017, o volume foi de 102,22 mil toneladas, uma redução de 22,45%.



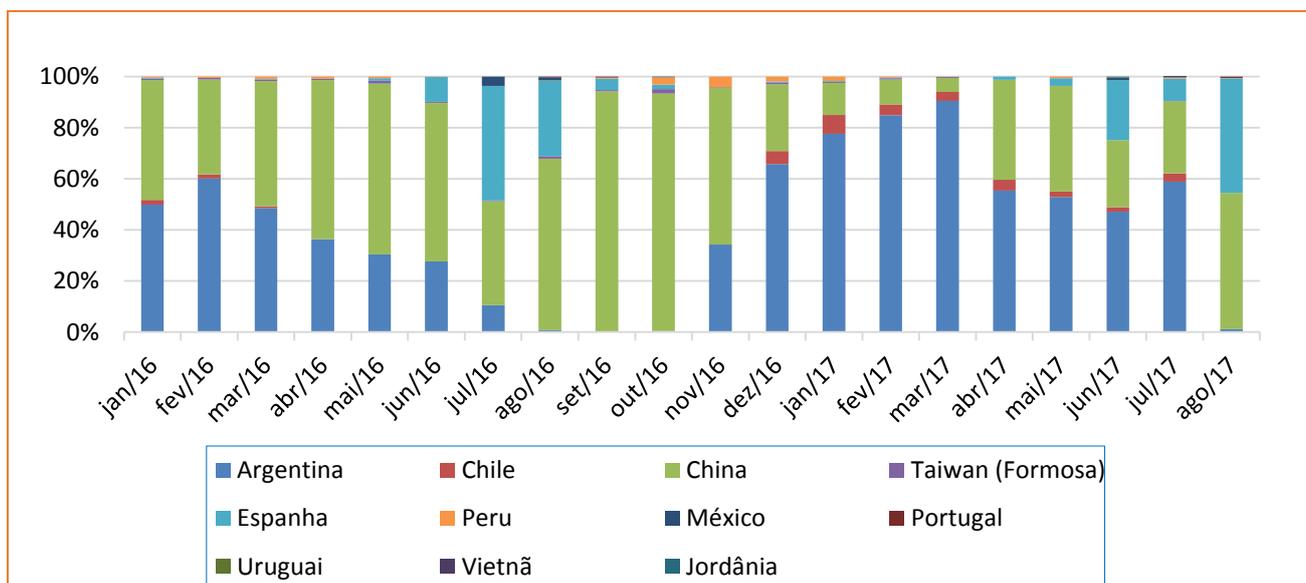
Fonte: Aliceweb/MDIC: setembro/2017.

O preço médio por quilo de alho internalizado no mês de agosto foi de US\$ 1,28/kg, contra US\$ 1,45 no mês anterior, redução de 11,72%, uma queda menor que a do mês de julho, que fora de 34,98 %, em relação a junho.

A internalização do alho importado, pouco mais de 18 mil toneladas no mês de agosto, teve um custo total registrado de US\$ 23,194 milhões.

Importação de Alho pelo Brasil – 2016 e jan. a ago./2017

Na figura abaixo se apresentam os países fornecedores de alho ao Brasil. No mês de agosto/17, os principais fornecedores foram a China com 53,26% e Espanha com 44,91%, perfazendo 98,17% do total importado.



Fonte: Aliceweb/MDIC: setembro/2017.

Participação (%) dos países fornecedores de alho ao Brasil – mês a mês – 2016 e jan. a ago./2017

Ainda em relação as importações, comparando-se os meses de agosto de 2016 com agosto de 2017 (Tabela), há um crescimento de 12,3% no período, sendo o primeiro mês do ano em que o volume internalizado supera o mesmo mês de referência do ano de 2016.

No total dos primeiros oito meses do ano de 2017 em relação ao mesmo período de 2016, a redução nas importações soma 29,59 mil toneladas, ou seja, redução de 22,45%.

Embora, que em agosto de 2017, seja o mês com o maior volume de 2017, (Tabela) e também seja o mês do ano com maior importação em relação ao mesmo mês de 2016, há um quadro de redução de importações de alho pelo Brasil nesse ano. Em relação custo total das importações, nos primeiros oito meses de 2016, o custo da importação de alho foi de US\$ de 241,938 milhões, contra US\$ 215,538 milhões em 2017. Porém o custo médio registrado por quilo saltou de US\$ 1,83/kg para US\$ 2,11/kg, no período comparado, um crescimento no custo de 13,27%.

Importações de alho pelo Brasil – Jan. a Jul./2016 e 2017 (mil t)

Ano	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	131,81
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	102,22

Fonte: Aliceweb/MDIC: setembro/2017.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

O estado de Santa Catarina na safra 2017/18, deverá manter a dianteira nacional como o maior produtor de cebola do Brasil, com mais de 20 mil hectares plantados, conforme levantamento de campo realizado para Epagri/Cepa (jun./2017).

A nova safra de cebola catarinense está no período desenvolvimento vegetativo, e de acordo com informações levantadas a campo pela Epagri/Cepa, as condições de clima, as tecnologias utilizadas e o manejo da cultura utilizado pelos produtores estão contribuindo para que, em mantidas estas condições, o estado catarinense deverá ter nova safra importante em volume e qualidade dos bulbos. Mantendo-se as condições atuais de clima nas regiões produtoras, os cebolicultores catarinenses devem alcançar produção e produtividades acima de 30 toneladas por hectare, portanto mantendo ou até superando o patamar de produção alcançado na safra 2016/17.

Como mencionado no boletim anterior, as dificuldades de comercialização enfrentadas pelos produtores na última safra, pouco afetaram as perspectivas sobre a safra em desenvolvimento. Esse quadro positivo deve-se aos avanços construídos nos últimos anos em termos de melhorias na infraestrutura de produção nas propriedades dos agricultores, de modo especial as estruturas de irrigação. É importante registrar que a produção da hortaliça está cada vez mais profissionalizada e nas “mãos” de tradicionais produtores. Esse quadro contribui para a redução de alguns riscos para o setor produtivo.

Estima-se que nas regiões tradicionais de produção de cebola, a área irrigada se aproxima de 90% da área plantada, o que é extremamente positivo para a cadeia produtiva. Tanto que nos meses de junho e julho, a falta de chuva nas regiões produtoras foi enfrentada sem maiores problemas pela grande maioria dos produtores.

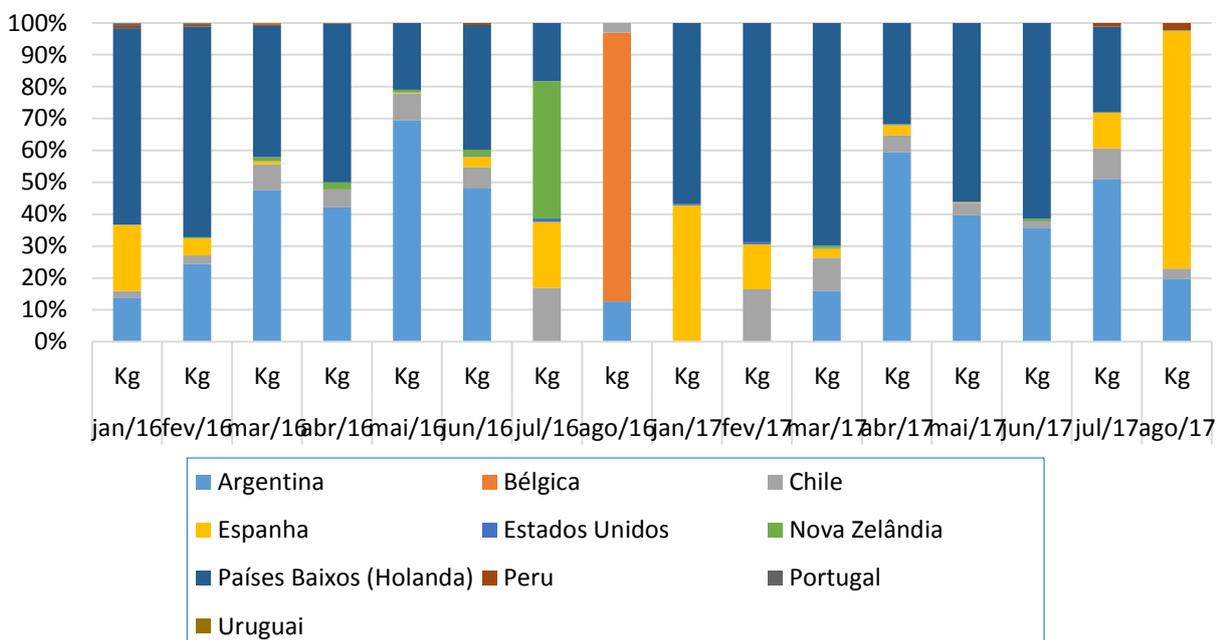
De acordo com informações de campo, a safra 2017/18, terá maior participação de produção das variedades precoces e superprecoces, como comentado no mês anterior, o que resultará em maior volume do bulbo sendo ofertado ao mercado com certa antecedência comparativamente a safra passada. Essa estratégia dos produtores tem como objetivo melhorar o quadro de remuneração do produto e ampliar a distribuição temporal de comercialização da safra. De qualquer modo, isso não deve afetar a tradicional dinâmica da comercialização da safra catarinense que se estende do final de cada ano e no primeiro quadrimestre do ano seguinte.

Com relação ao mercado nacional, nos últimos meses, temos um quadro de recuperação de preços com manutenção de uma certa estabilidade de forma geral. As informações de mercado indicam a manutenção dessa conjuntura nesse período cujo abastecimento está sendo viabilizado pela produção das regiões de São Paulo e mesmo pelo final da comercialização da produção da região do Cerrado brasileiro.

Nos principais mercados atacadistas do Sul, Sudeste e Nordeste, a cebola está sendo comercializada, variando de R\$ 1,20 a 1,72/kg no atacado de Santa Catarina, São Paulo e Salvador; e até R\$ 2,25/kg na praça de Fortaleza, uma pequena queda em relação ao mês anterior.

A importação de cebola para o Brasil, no mês de agosto foi comandada pela entrada de cebola espanhola e argentina e por pequenos volumes oriundos de Peru e Chile (Figura abaixo).

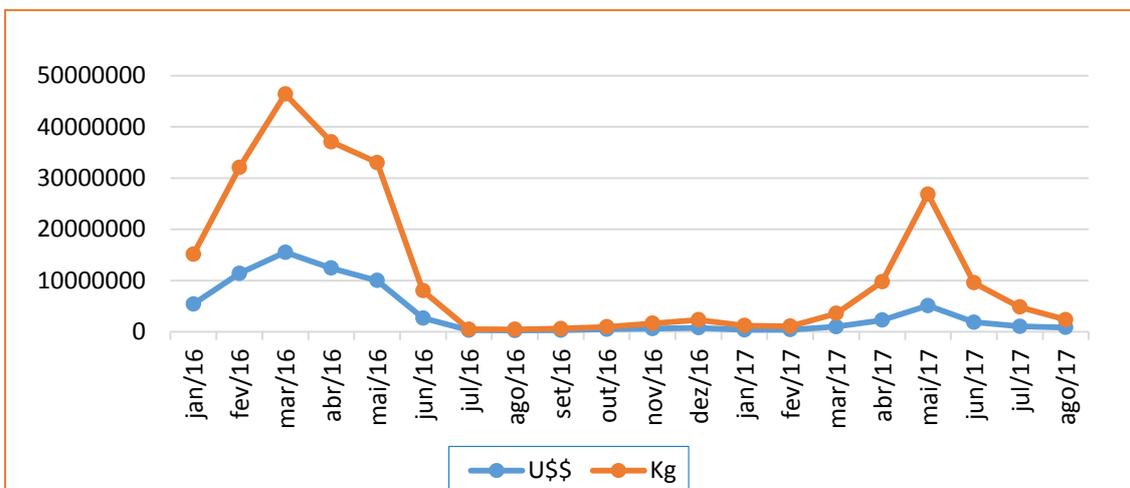
Comparando-se os meses de agosto de 2016 com agosto de 2017, temos alteração no quadro de fornecedores ao país, onde a Bélgica cedeu espaço para a Espanha e a Argentina teve pequeno crescimento.



Fonte: Aliceweb/MDIC – setembro/2017.

Participação dos países no fornecimento de Cebola ao Brasil – mês a mês 2016 e jan. a ago./2017

A figura a seguir, nos mostra a evolução das importações de cebolas ocorridas no ano de 2016 e de janeiro a agosto de 2017, no Brasil. Houve crescimento nos meses de abril e maio de 2017, com curva decrescente nos meses de junho, julho e agosto do corrente ano, comportamento semelhante ao ano ao mesmo período do ano anterior. Em volume, as importações de agosto somaram 2,347 mil toneladas, com dispêndio para o país de U\$ 0,819 milhão.

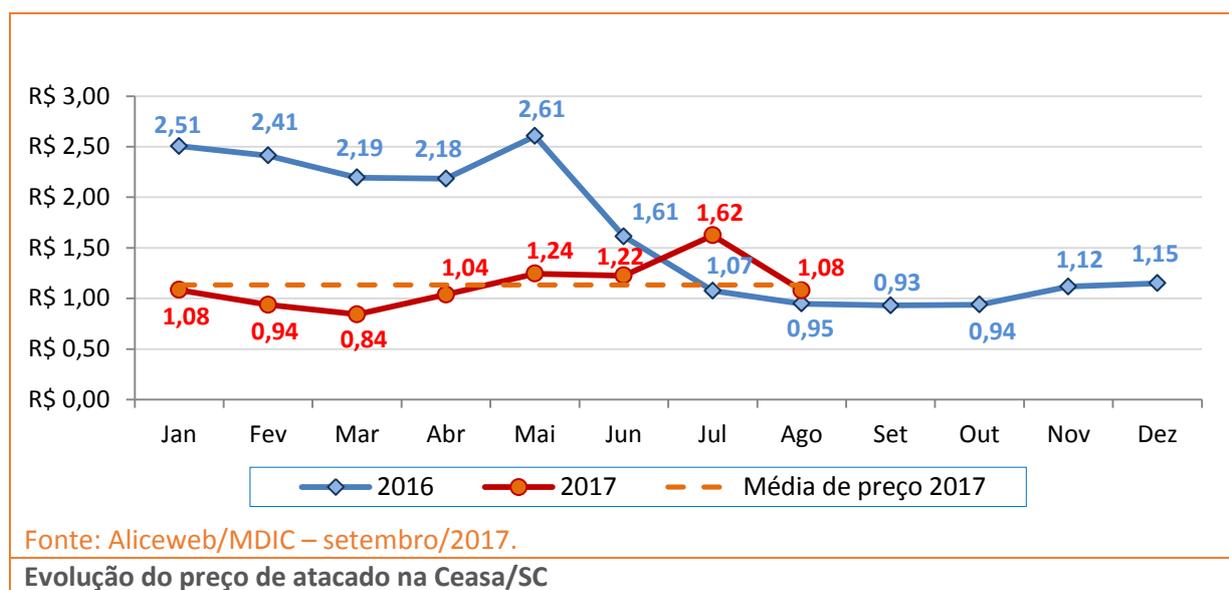


Fonte: Aliceweb/MDIC – setembro/2017.

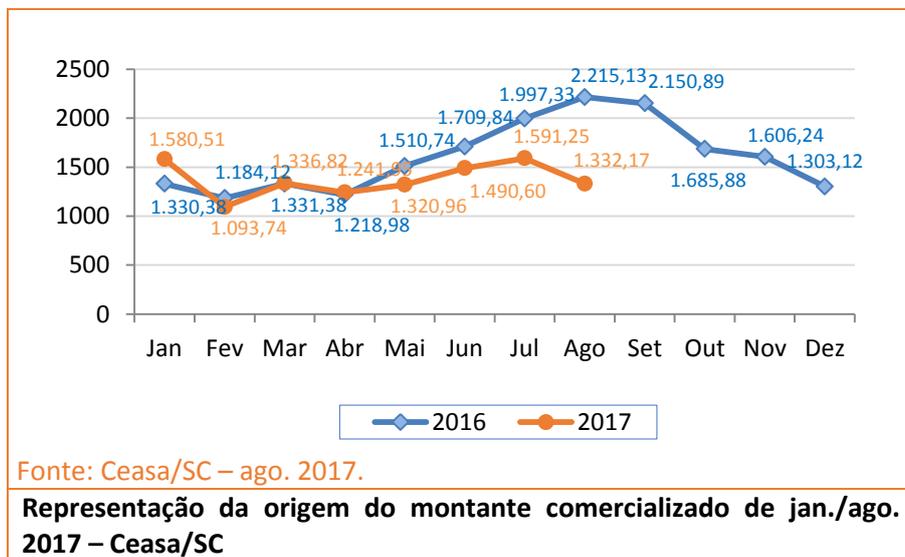
Importação de cebola pelo Brasil – mês a mês 2016 e 2017

Comparando-se os primeiros oito meses de 2016 com o mesmo período de 2017, as importações de cebola pelo Brasil foram de 176,874 mil toneladas e 59,131 mil toneladas, respectivamente. Uma queda de 66,56 % no período. Esses números refletem o que foi a oferta interna do produto pela super safra brasileira de 2016/17.

No mercado atacadista da Ceasa/SC – Unidade de São José, no mês de agosto houve redução significativa no preço da cebola em relação ao mês anterior, fechando o preço médio ponderado a R\$ 1,08/kg. Queda de 33 % em relação ao mês anterior. (Figura abaixo).



Ainda em relação ao mercado atacadista na Ceasa/SC – Unidade de São José, o volume de comercialização no mês de agosto de 2017 teve uma queda de 16,28% em relação ao mês de julho/17, fechado importante diferença de volume comercializado no comparativo dos oito primeiros meses de 2016 com 2017, que ficou na ordem de 1.289,04 toneladas a menor (Figura abaixo)



Chama a atenção nesse caso, pois o mês de referência foi de preços relativamente menores do que o mês anterior, conforme pode ser visto na figura anterior. Este quadro pode sugerir redução no consumo regional, ou mesmo alguma mudança na lógica de comercialização de atacado na região metropolitana de Florianópolis, especialmente influenciada pelo modo de atuação das grandes redes de supermercados.

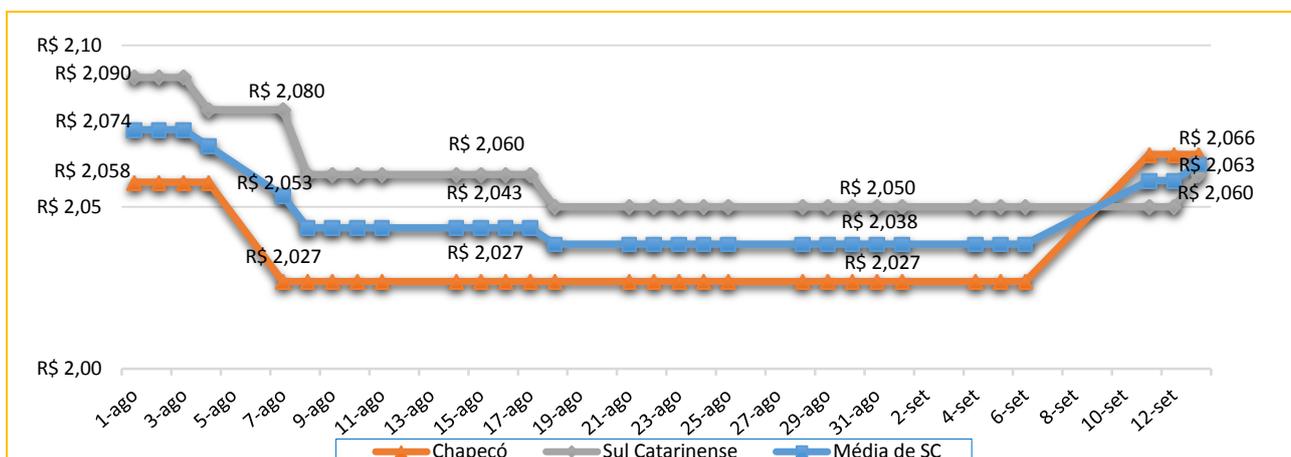
Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

O mês de agosto iniciou com quedas nos preços do frango vivo nas duas praças catarinenses acompanhadas pela Epagri/Cepa: -1,49% em Chapecó e -1,91% no Sul Catarinense. Em Chapecó, após a queda inicial, o preço manteve-se estável durante o restante do mês. Só no início de setembro registrou-se nova variação, dessa vez positiva (1,94%), recuperando o que havia sido perdido no início de agosto. Com isso, o preço médio preliminar de setembro é 0,53% superior à média de agosto.

No Sul Catarinense, o preço do frango vivo também iniciou o mês de agosto com algumas oscilações negativas. Esse movimento perdurou até a terceira semana, quando se atingiu o preço de R\$2,05/kg, o qual se manteve até o dia 12 de setembro.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

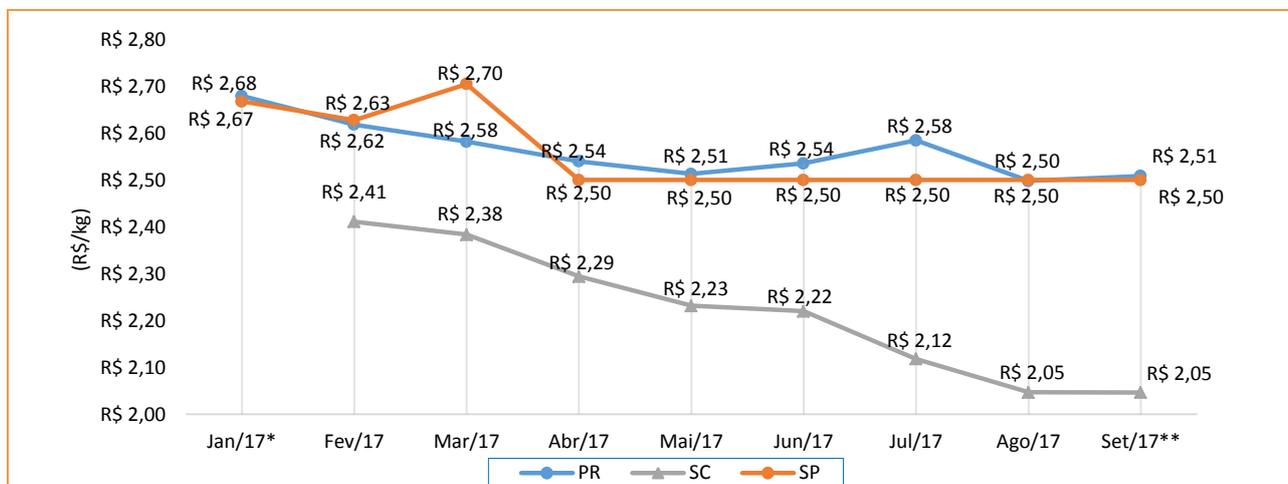
Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual – 1/ago. a 13/set./2017

Os preços de 13 de agosto (data de finalização deste artigo), em relação àqueles praticados em 13 de março (última coleta realizada antes da deflagração da Operação Carne Fraca), apresentam variações de -12,20% em Chapecó, -14,88% no Sul Catarinense e -13,56% na média estadual.

Em dois outros importantes estados produtores (Paraná e São Paulo), os preços têm se comportado de forma distinta em relação aos de Santa Catarina. De fevereiro a agosto deste ano observaram-se quedas rotineiras no preço médio estadual catarinense, conforme evidenciado no gráfico apresentado na sequência. O preço médio das duas primeiras semanas de setembro mantém-se praticamente inalterado em relação à média do mês anterior (variação de apenas 0,02%).

No Paraná a situação é um pouco mais diversa. De janeiro a maio registraram-se quedas nos preços, enquanto os meses de junho e julho foram marcados por um movimento de alta, interrompido por nova queda em agosto. O preço preliminar de setembro é 0,42% maior que a média do mês anterior, o que pode sinalizar a retomada do movimento de alta, mesmo que numa taxa reduzida. São Paulo apresentou o comportamento mais estável, com algumas oscilações de janeiro a abril e manutenção do preço a partir de então.

Não obstante o momento de relativa estabilidade, os preços atuais estão bastante defasados em relação a setembro de 2016: -19,35% em São Paulo, -18,02% em Santa Catarina e -12,30% no Paraná.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro/2017.

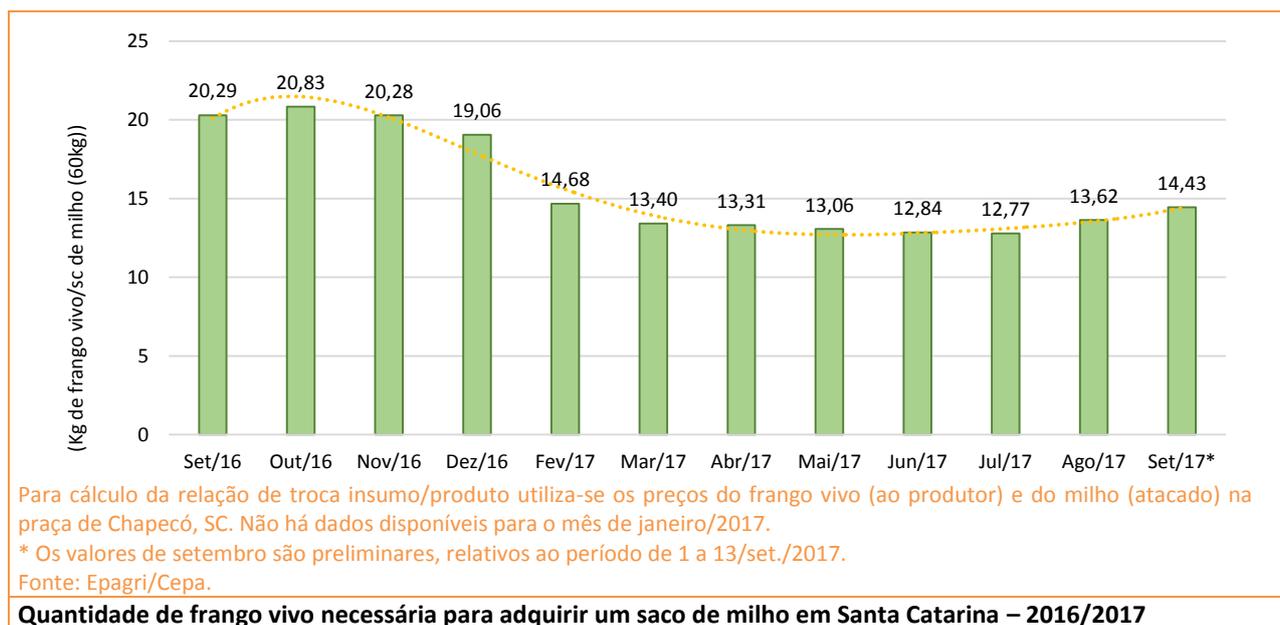
** Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/set./2017.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2017

Acompanhando o movimento de queda nos preços do frango vivo, desde o último trimestre de 2016 também têm sido registradas reduções nos custos de produção. Esse movimento é captado pelo Índice de Custos de Produção do Frango (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, que acumula queda de 22,82% nos últimos 12 meses. Em agosto o ICPFrango caiu 1,72% em relação ao mês anterior, resultado devido principalmente à redução nos custos com nutrição (item que compõe 65,49% desse indicador).

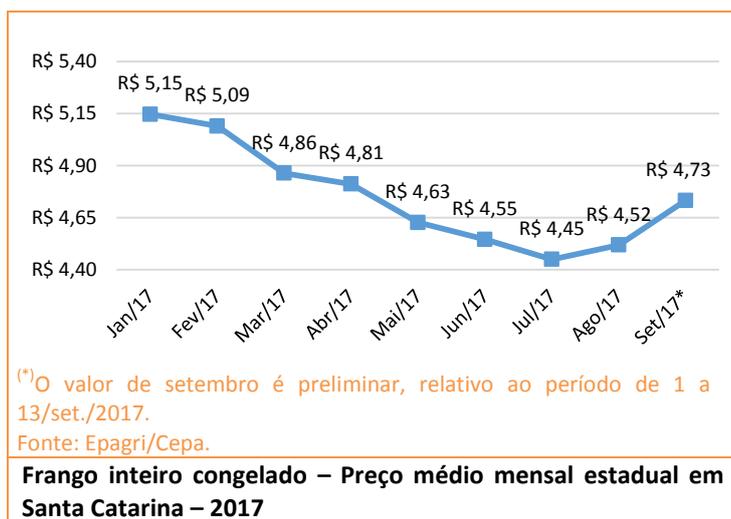
A relação de troca insumo/produto também ajuda a entender a variação nos custos, já que é calculada a partir dos preços do milho (principal componente da ração) e do frango vivo. O índice calculado pela Epagri/Cepa, apresentado no gráfico a seguir, que atingiu valores recordes durante o ano passado, começou a cair a partir de novembro. Esse movimento se estendeu até julho de 2017. Em agosto registrou-se a primeira alta do ano (6,67%), impulsionada tanto pela queda no preço do frango vivo quanto pelo aumento da saca de milho. Em setembro registra-se nova elevação na relação de troca, dessa vez de 5,94%. Contudo, na comparação com setembro de 2016, o índice atual é 28,87% menor.



Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2016/2017

Nas semanas iniciais de setembro, o preço de atacado do saco de milho na região de Chapecó encontra-se 6,50% acima da média do mês anterior, o que novamente provocará elevações nos custos de produção deste mês.

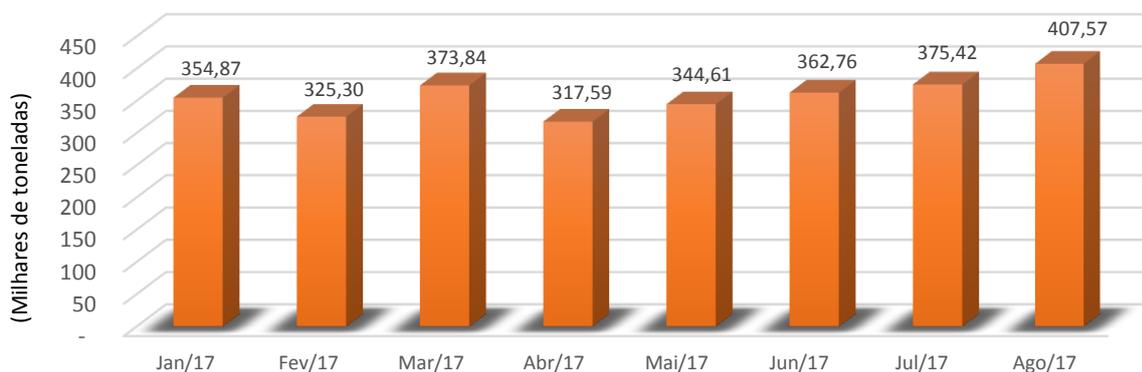
No atacado, o preço da carne de frango tem apresentado comportamentos diversos, de acordo com o corte. Conforme levantamento realizado pela Epagri/Cepa, após uma sequência de quedas que iniciou em novembro do ano passado, o frango inteiro congelado deve registrar o segundo mês consecutivo de variação positiva. O preço preliminar de setembro é 4,73% superior ao mês anterior; em agosto a variação foi de 1,55%. Outro corte que também apresenta variação positiva é a coxa/sobrecoxa congelada, com aumento de 1,26% em setembro. Contudo, o filé de peito congelado e o peito com osso congelado apresentam quedas de -4,01% e -1,73%, respectivamente.



Frango inteiro congelado – Preço médio mensal estadual em Santa Catarina – 2017

Apesar de alguns indicadores positivos, o setor ainda sofre os efeitos da crise que o País atravessa e as consequências da Operação Carne Fraca. De acordo como o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – Cepea, os preços do frango inteiro congelado e resfriado na Grande São Paulo estão nos menores patamares desde 2006 (utilizando-se como parâmetro os valores médios mensais deflacionados pelo IPCA de julho/2017). Em agosto, o frango congelado teve média de R\$3,36/kg, enquanto o resfriado atingiu R\$3,39/kg. A demanda interna reduzida foi o principal fator responsável por essas baixas cotações.

O que tem evitado quedas mais significativas nos preços ao produtor e no atacado é a recuperação do mercado externo nos últimos meses. Em agosto mais uma vez os resultados foram fortemente positivos, tendo sido exportadas 407,57 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), incremento de 8,56% em relação ao mês anterior e de 14,14% na comparação com agosto de 2016. Esse é o melhor resultado mensal desde abril de 2016.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne de frango – Brasil – 2017

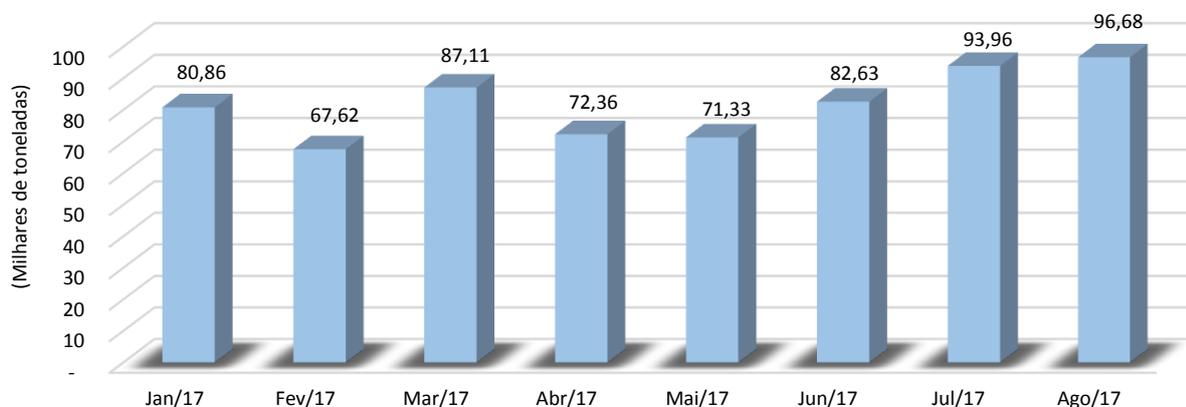
As receitas de agosto atingiram o montante de US\$ 678,70 milhões, aumento de 12,04% em relação a julho e de 12,61% na comparação com agosto de 2016. Esse foi o melhor resultado mensal desde julho de 2015.

As receitas acumuladas de janeiro a agosto deste ano atingiram US\$ 4,82 bilhões, aumento de 6,11% em relação ao mesmo período de 2016. Contudo, a quantidade exportada até o momento foi de 2,86 milhões de toneladas, volume 2,66% abaixo do ano anterior.

Os principais destinos da carne de frango brasileira em julho foram Japão, Arábia Saudita e China, que juntos contribuíram com 37,54% das receitas do País com esse produto.

Os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços – MDIC, referentes às duas primeiras semanas de setembro apontam aumento na média diária de embarques de carne de frango *in natura* em relação a agosto: 13,3% em quantidade e 12,7% em valor. Na comparação com as médias diárias de setembro do ano anterior, os números também são positivos: crescimento de 12,0% em quantidade e 12,2% em valor.

Santa Catarina também apresentou bom desempenho nas exportações de carne de frango em agosto. Nesse mês o Estado exportou 96,68 mil toneladas, aumento de 2,90% em relação ao mês anterior e de 21,26% na comparação com agosto de 2016. Esse montante não apenas representa o recorde deste ano, como também é o melhor resultado mensal desde março de 2012.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne de frango – Santa Catarina – 2017

Em agosto, as receitas das exportações catarinenses de frango foram de US\$ 175,23 milhões, aumento de 6,58% em relação ao mês anterior e de 20,06% na comparação com agosto de 2016. Esse é o melhor resultado para um único mês desde abril de 2014.

O somatório das receitas das exportações catarinenses de carne de frango de janeiro a agosto é de US\$ 1,20 bilhão, aumento de 8,64% em relação ao ano anterior. Em termos de quantidade os números ainda são negativos, embora estejam melhorando mês a mês: queda de 1,01% nos embarques deste ano (652,55 mil toneladas) na comparação com o mesmo período de 2016.

Os três principais destinos da carne catarinense em agosto foram Japão, China e Países Baixos (Holanda), que responderam por 42,03% do valor das exportações do Estado. Em 2017, Santa Catarina já exportou carne de frango para 114 países.

Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – Agosto/2017		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	38.765.906,00	18.866
China	18.783.484,00	10.416
Países Baixos (Holanda)	16.100.493,00	6.494
Arábia Saudita	9.674.836,00	5.142
Hong Kong	8.088.300,00	4.715
Demais países	83.818.190,00	51.048
Total	175.231.209,00	96.681

Fonte: MDIC/Aliceweb.

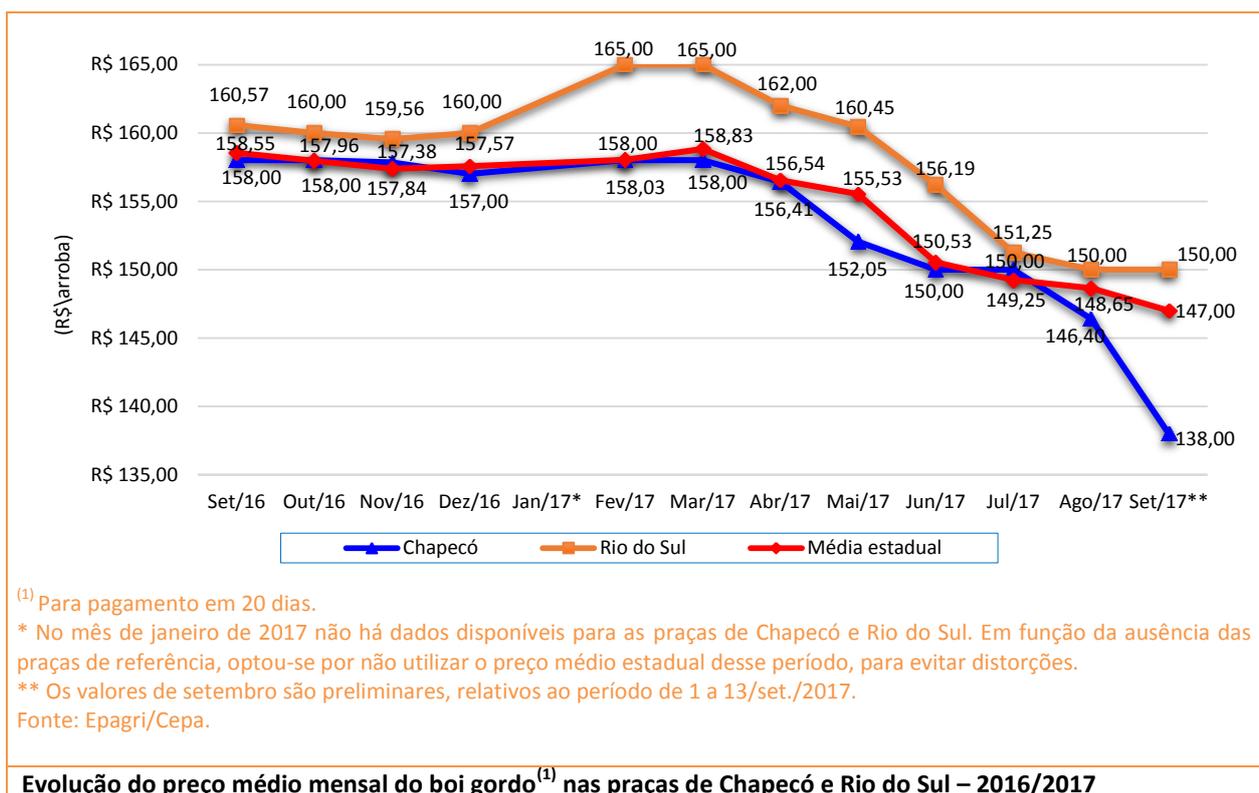
Um dos principais fatores responsáveis pelos números expressivos atingidos em agosto foi a retomada do crescimento das exportações para a China. Os meses seguintes à Operação Carne Fraca vinham registrando uma desaceleração nos embarques de carne de frango para a China, a ponto de julho registrar índices negativos em relação ao mesmo mês do ano anterior. Contudo, em agosto os valores voltaram a crescer: aumento de 36,02% em relação ao mês anterior e de 12,76% na comparação com agosto de 2016, em termos de quantidade.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

O mercado do boi gordo em Santa Catarina, que tem como uma de suas características a relativa estabilidade nos preços, apresentou mudanças bem significativas nas últimas semanas. A principal alteração ocorreu em Chapecó, uma das praças de referência para esse produto. Depois de passar todo o ano de 2016 e o primeiro trimestre de 2017 praticamente sem alterações, a partir de abril deste ano observou-se algumas quedas no preço daquela região. Quando parecia que o valor se estabilizaria em torno dos R\$150,00/arroba, na segunda quinzena de agosto ocorreu nova queda, dessa vez mais significativa. A diferença entre o preço médio de agosto e o preço preliminar de setembro é de -5,74%. Em relação a setembro de 2016, a diferença é de -12,66%.

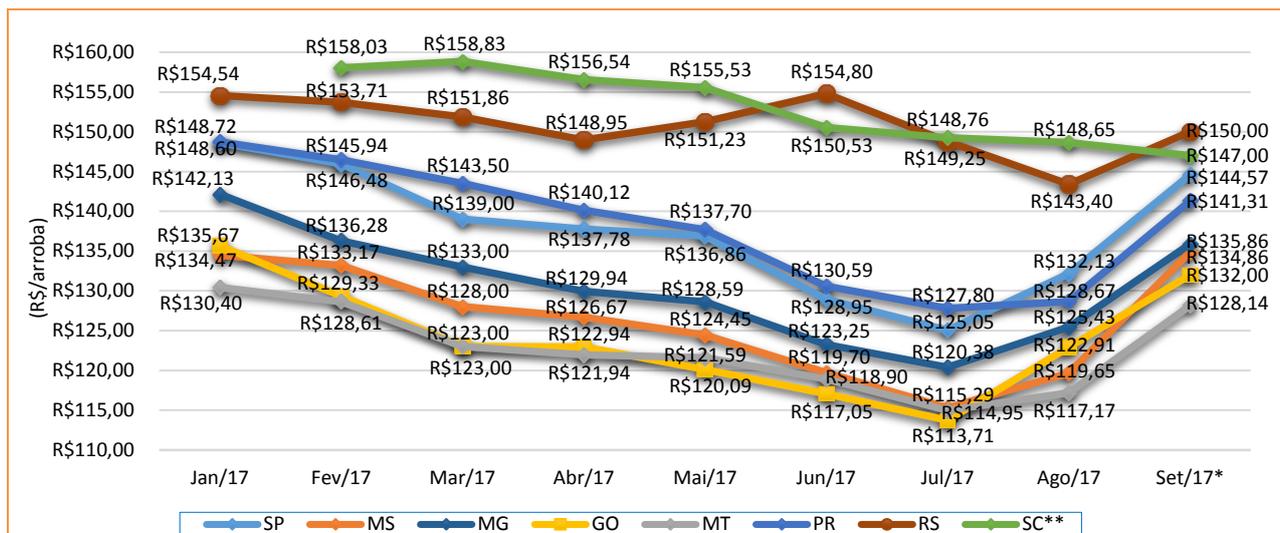
Na praça de Rio do Sul, por sua vez, até o momento mantém-se o mesmo preço de agosto. Esse valor está 6,58% abaixo daquele praticado em setembro de 2016. Em função principalmente do comportamento de Chapecó, a média estadual (que inclui 8 praças de coleta de preços) apresentou oscilação de -1,11% em setembro, quando comparada ao mês anterior. Em relação aos preços de setembro de 2016, a média estadual está 7,29% defasada.



Em termos nacionais, após um longo período de quedas sucessivas, os meses de agosto e setembro registram predominância de movimentos de alta nos preços do boi gordo na maioria das praças. Dos oito estados analisados, sete apresentaram elevação nos preços preliminares de setembro. A maior variação aconteceu no Mato Grosso do Sul (12,71%), seguido por Paraná (9,83%), São Paulo (9,42%), Mato Grosso (9,36%), Minas Gerais (8,31%), Goiás (7,39%) e Rio Grande do Sul (4,60%). O único estado acompanhado que registrou decréscimo foi Santa Catarina (-1,11%).

A explicação para os aumentos registrados na maioria dos estados é a baixa disponibilidade de animais prontos para o abate (em decorrência da entressafra nas principais regiões produtoras e da baixa reposição dos rebanhos nos últimos anos), além do aumento das exportações, conforme veremos adiante.

Mesmo com os expressivos aumentos recentes, os preços atuais ainda estão defasados em relação a setembro de 2016 na maioria dos estados: -5,08% em Mato Grosso, -4,04% no Paraná, -3,89% em São Paulo, -3,88% em Goiás, -3,54% em Mato Grosso do Sul e -3,03% em Minas Gerais. O único estado cuja variação entre 2016 e 2017 é positiva é o Rio Grande do Sul, com 1,11%. Santa Catarina, por sua vez, registra defasagem de -7,29%, o pior índice entre os estados analisados.



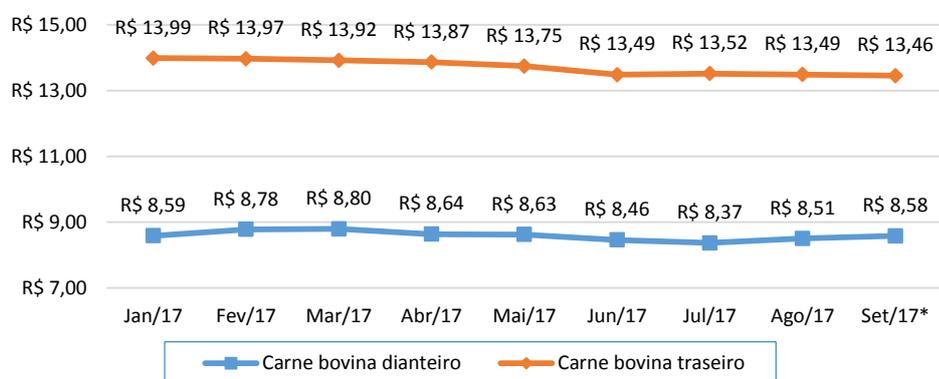
* Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/set./2017.

** Tendo em vista a ausência de dados das praças de referência (Chapecó e Rio do Sul) para o mês de janeiro, optou-se por não utilizar o preço médio estadual de SC para esse período.

Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; SEAB⁽³⁾; Nespro⁽⁴⁾ (2017).

Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾ – 2017

O atacado da carne bovina em Santa Catarina apresenta variações pouco significativas e mantém-se



⁽¹⁾ Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/set./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

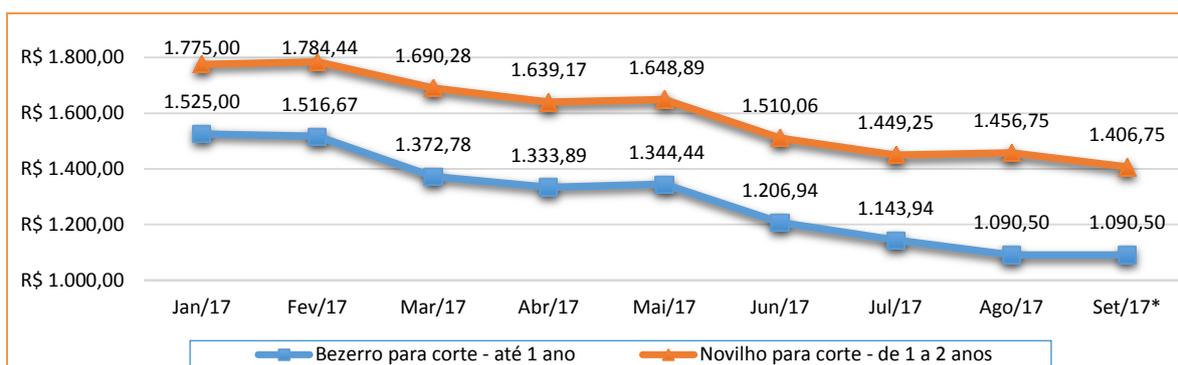
Carne bovina – Atacado – Preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro em Santa Catarina – 2017

relativamente estável nas primeiras semanas de setembro, conforme demonstram os números da Epagri/Cepa. No caso da carne de traseiro, registrou-se queda de 0,25% na média estadual, em relação ao mês anterior. Na comparação com setembro de 2016, a queda é de 2,37%.

Já o dianteiro teve variação positiva de 0,89% entre agosto e setembro. Em relação a setembro de 2016, a queda é de 4,36%.

Altas mais expressivas nos preços de atacado são limitadas pelo consumo interno, que permanece reduzido. Apesar da importância das exportações, é importante lembrar que o mercado interno é o destino de aproximadamente 80% da produção brasileira.

O preço do bezerro até 1 ano para corte, que vinha registrando sucessivas quedas desde maio, começou o mês de setembro no mesmo patamar de agosto. Já o novilho de 1 a 2 anos para corte, após uma leve alta em agosto, volta a registrar queda no preço preliminar de setembro (-3,43%).

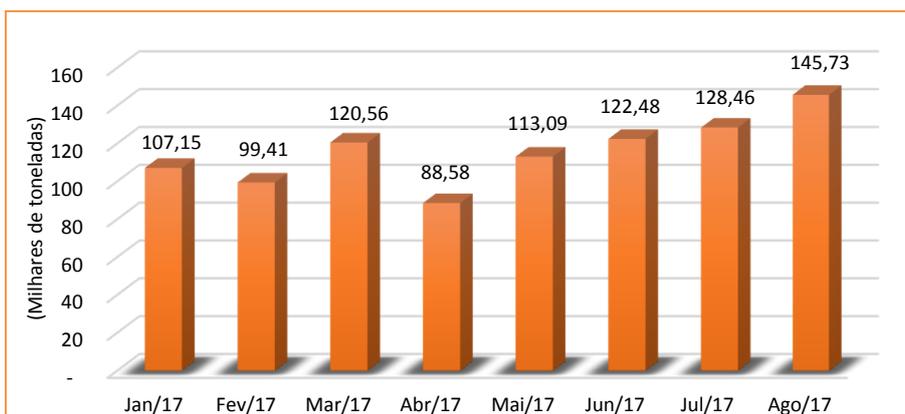


(*) Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/set./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução dos preços de bezerro e novilho para corte em SC – Preço médio estadual – 2017

Depois de um período crítico na sequência da Operação Carne Fraca, as exportações de carne bovina apresentam firme recuperação. Conforme os dados divulgados pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em agosto o Brasil exportou 145,83 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), aumento de 13,44% em relação a julho e de 34,41% na comparação com agosto de 2016. Além de representar o recorde do ano, esse é o melhor resultado mensal desde outubro de 2013.



Fonte: MDIC / Aliceweb.

Exportações de carne bovina – Brasil – 2017

Em relação às receitas, os resultados também foram positivos em agosto: US\$606,56 milhões, aumento de 13,02% em relação ao mês anterior e de 35,14% na comparação com agosto de 2016.

Com os resultados favoráveis dos últimos meses, as exportações de 2017 praticamente empataram com 2016 em termos de quantidade. De janeiro a agosto deste ano

foram exportadas 925,45 mil toneladas, apenas 0,01% abaixo do que foi registrado no mesmo período de 2016. Em termos de receitas, o acumulado do ano já soma US\$3,77 bilhões, aumento de 5,32% em relação a 2016.

Os cinco principais destinos da carne bovina brasileira em agosto foram Hong Kong, China, Egito, Irã e Rússia, responsáveis por 66,21% das receitas. Como já havia ocorrido nos meses anteriores, a China aumentou significativamente suas importações de carne bovina brasileira em agosto. Em relação ao mesmo mês de 2016, o crescimento é de 258,84% em valor e de 268,34% em quantidade. Hong Kong também aumentou suas compras de carne bovina brasileira no mês passado: aumento de 58,94% em valor e 44,39% em quantidade, em comparação com agosto de 2016.

Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – Agosto/2017		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Hong Kong	132.308.558,00	34.540
China	82.797.939,00	18.565
Egito	82.367.158,00	23.070
Irã	55.973.481,00	12.725
Rússia	48.127.131,00	15.281
Demais países	204.983.897,00	41.548
Total	606.558.164,00	145.728

Fonte: MDIC/Aliceweb.

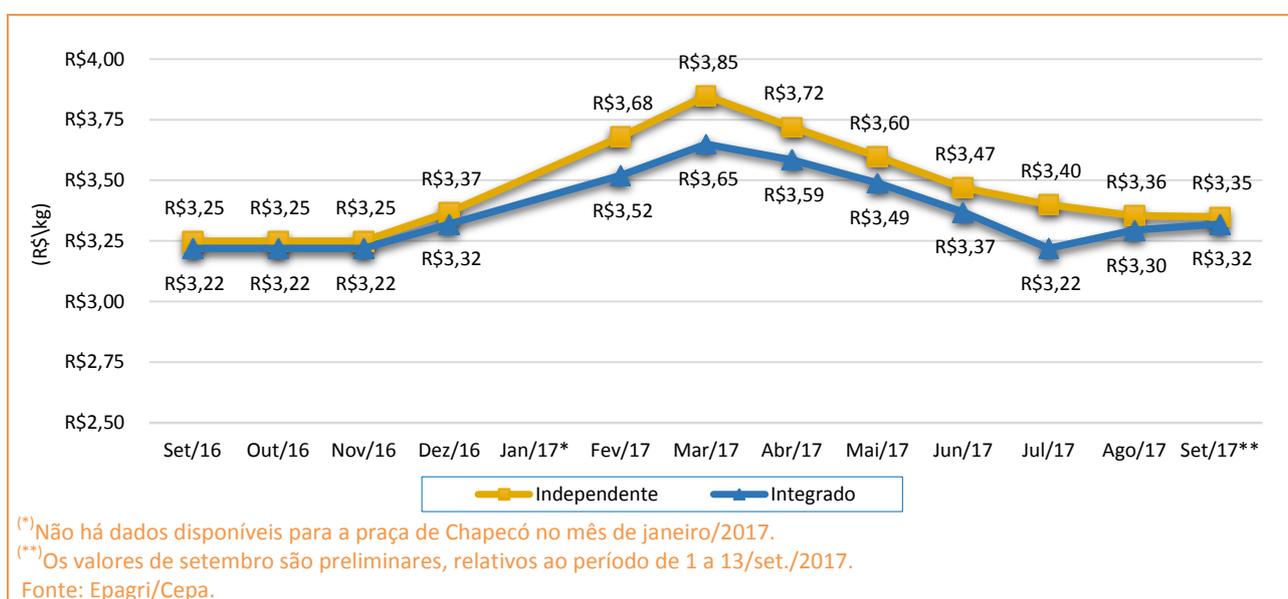
Conforme os dados divulgados pelo MDIC, referentes às duas primeiras semanas de setembro, a média diária de embarques de carne bovina *in natura* aumentou em relação a agosto: 18,1% em valor e 20,2% em quantidade. Na comparação com setembro de 2016, os resultados preliminares também apontam crescimento nas médias diárias: 44,5% em valor e 45,2% em quantidade.

Segundo estimativa da Associação Brasileira de Frigoríficos – Abrafrigo, se essa tendência se mantiver nos próximos meses, as exportações de carne bovina devem superar 1,5 milhão de toneladas em 2017.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

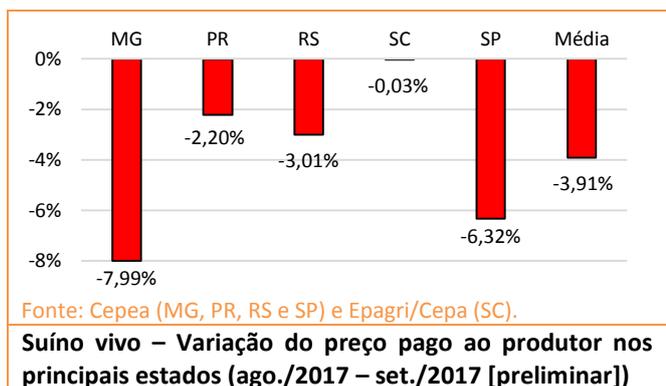
De acordo com os dados preliminares de setembro, os preços do suíno vivo em Santa Catarina apresentam relativa estabilidade este mês, embora com variações pequenas e distintas para os dois tipos de produtores. Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo, o preço preliminar de setembro para o produtor integrado registra aumento de 0,76% em relação ao mês anterior. No caso dos produtores independentes, embora ainda se verifique queda no preço, ela é de apenas 0,15% até o momento, bem menos expressiva que nos meses anteriores. Não obstante as quedas observadas a partir da segunda quinzena de março, os preços atuais ainda estão acima daqueles praticadas do setembro de 2016: 3,08% para o produtor independente e 3,11% para o integrado.



Suíno vivo – Preço médio mensal para produtor independente e integrado na praça de Chapecó, SC – 2016/2017

Quando se compara os preços atuais com aqueles praticados na praça de Chapecó antes da deflagração da Operação Carne Fraca, os resultados são fortemente negativos: -12,99% para os produtores independentes, -9,04% para os integrados e -11,07% na média.

Se em agosto predominava um movimento de alta dos preços nos principais estados produtores de suínos, em setembro essa tendência se inverteu, conforme demonstra o gráfico abaixo.

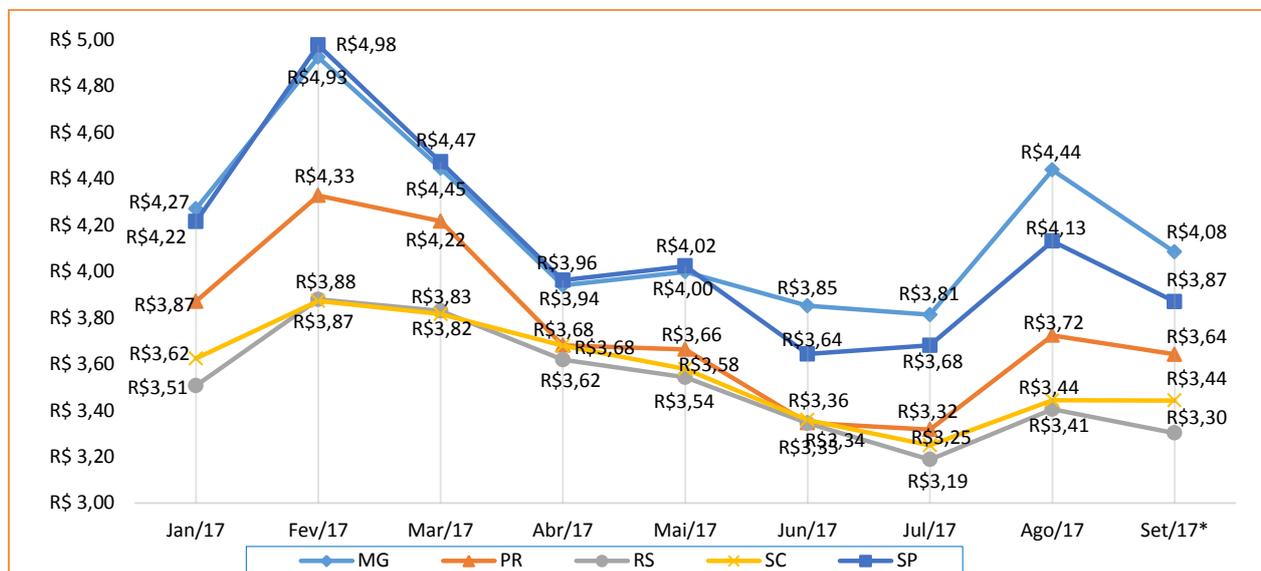


Suíno vivo – Variação do preço pago ao produtor nos principais estados (ago./2017 – set./2017 [preliminar])

Os cinco estados apresentam quedas nos preços médios preliminares de setembro, em relação ao mês anterior: -7,99% em Minas Gerais, -6,32% em São Paulo, -3,01% no Rio Grande do Sul, -2,20% no Paraná e -0,03% em Santa Catarina (média estadual, incluindo integrados e independentes). A variação média nesses estados é de -3,91%.

Essa nova queda interrompe o que se imaginava ser uma reação consistente dos preços, mas que teve curta duração.

O gráfico a seguir apresenta a evolução do preço pago ao produtor durante o ano de 2017 nos cinco estados mencionados anteriormente.



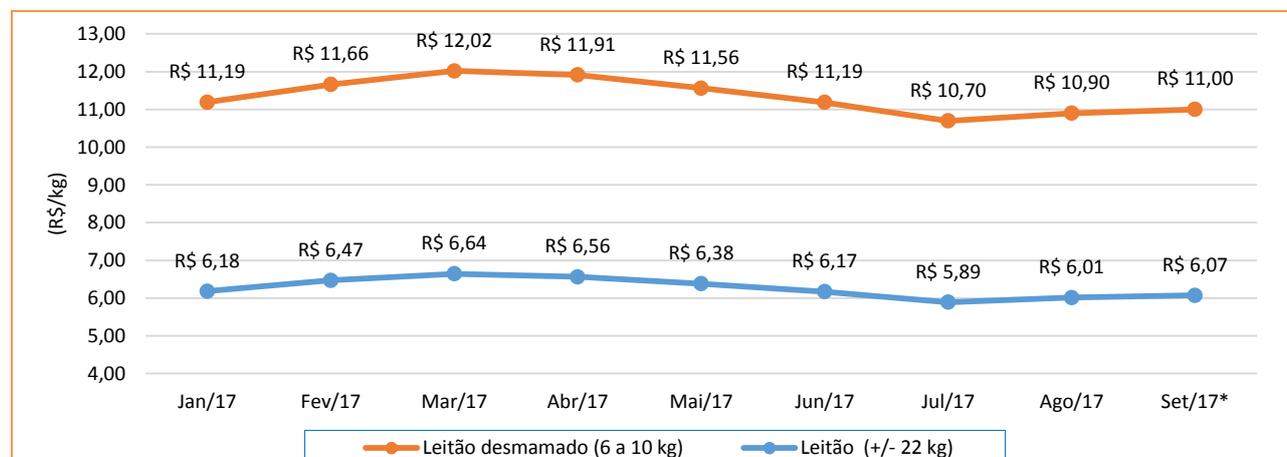
(*) Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/set./2017.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores (R\$/kg de suíno vivo) – 2017

Ao comparar os preços atuais com os praticados em setembro de 2016, verifica-se que a maioria dos estados analisados apresenta defasagens: -3,19% em São Paulo, -2,61% no Rio Grande do Sul e -1,73% em Minas Gerais. Em dois estados houve aumento nos preços pagos entre os dois períodos: 1,10% no Paraná e 6,44% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, segundo o INPC/IBGE, foi de 1,73%.

Diferentemente do que ocorreu com os suínos vivos para abate, os valores preliminares de setembro indicam continuidade do movimento de alta nos preços dos leitões em Santa Catarina: 0,92% para leitões de 6 a 10kg e 1,00% para os leitões de +/-22kg. Na comparação com setembro de 2016, os preços atuais apresentam vantagem de 4,06% e 4,56% para os leitões de 6 a 10kg e de +/-22kg, respectivamente.



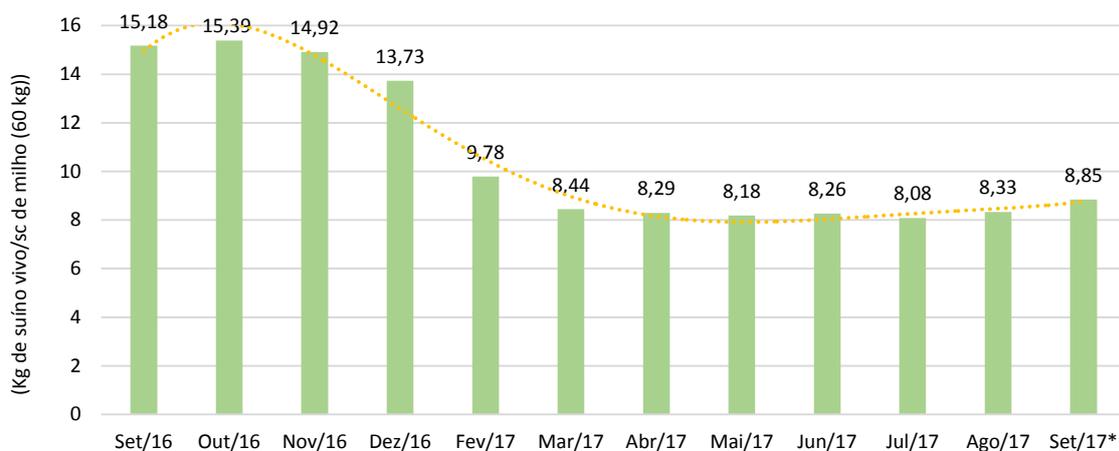
(*) Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/set./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Leitão – Preço médio mensal do leitão por categoria em Santa Catarina – 2017

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) registrou alta de 0,67% em agosto, na comparação com o mês anterior. Essa é a primeira alta desde junho de 2016. Os dois componentes que mais contribuíram para esse resultado foram a nutrição (alta de 0,40%) e o transporte (alta de 0,42%). Apesar disso, a variação do ICPSuíno acumulada nos últimos 12 meses é de -29,85%.

A relação de troca insumo/produto calculada pela Epagri/Cepa mais uma vez apresenta variação positiva em setembro (resultados preliminares). Após um período de quedas no último trimestre de 2016 e primeiro trimestre de 2017, seguido por alguns meses de relativa estabilidade, aparentemente está se consolidando um movimento de alta desse indicador.



Para o cálculo da relação de troca insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

⁽¹⁾Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/set./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó, SC – 2016/2017

Esse movimento é resultante tanto das sucessivas quedas nos preços do suíno vivo, observadas a partir de abril, quanto do aumento no preço do milho no atacado a partir de agosto.

Não obstante as últimas variações positivas, o valor atual do índice de troca ainda é 39,93% inferior ao que se registrava em setembro de 2016.

Os preços da carne suína no atacado, assim como no mês anterior, apresentaram comportamentos distintos, de acordo com o corte. Os dados da Epagri/Cepa demonstram quedas nos preços preliminares de setembro (média estadual) em três dos cinco cortes: costela (-0,24%), lombo (-0,03%) e carcaça (-0,86%). Até o momento, registram-se variações positivas nos preços do carré (0,02%) e do pernil (0,66%).

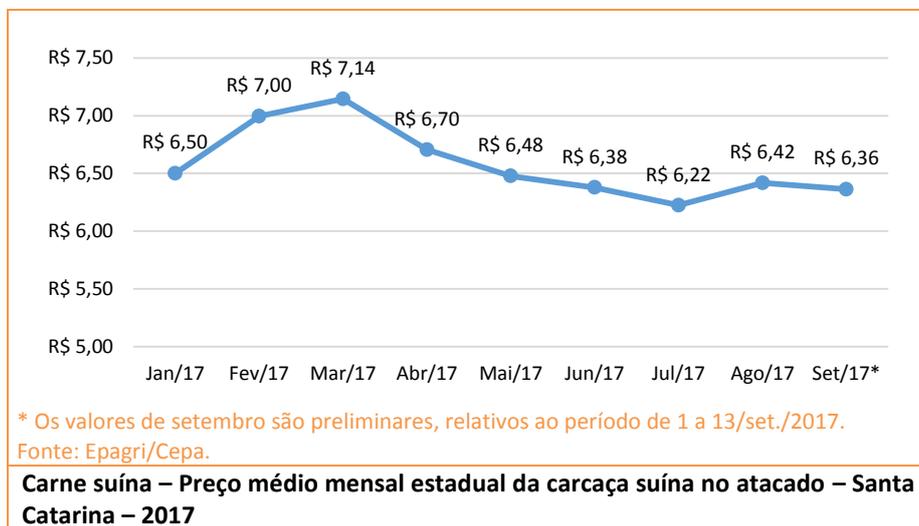
Carne suína – Preços médio estadual no atacado – Santa Catarina – 2017 – R\$

Produto	Julho/2017	Agosto/2017	Setembro/2017 ⁽¹⁾
Carré (sem couro)	8,17	8,53	8,53
Costela (sem couro)	12,87	12,70	12,67
Lombo	11,58	11,55	11,54
Carcaça	6,22	6,42	6,36
Pernil (com osso e sem couro)	7,38	7,36	7,41

⁽¹⁾Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/set./2017.

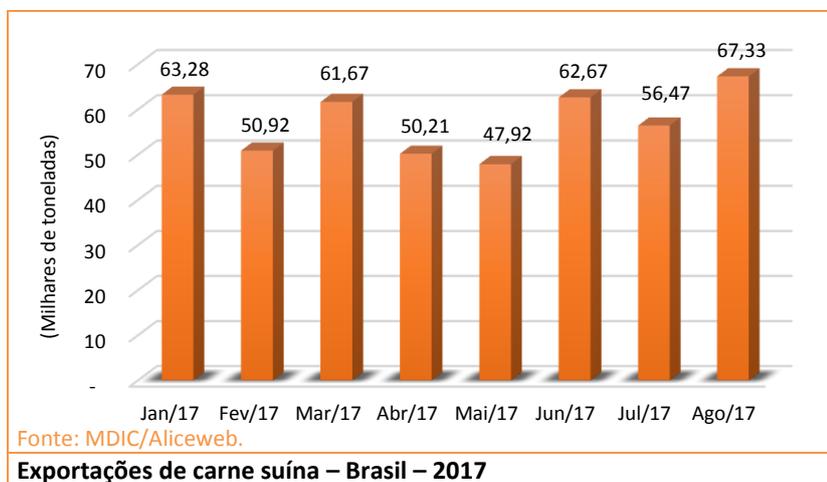
Fonte: Epagri/Cepa.

A evolução do preço médio estadual de atacado da carcaça suína de janeiro a setembro é apresentada no gráfico abaixo. Como é possível verificar, o movimento de queda que vinha sendo registrado desde abril, após a deflagração da Operação Carne Fraca, foi brevemente interrompido em agosto e, a princípio, retomado em setembro.



Com o mercado interno desaquecido, as exportações têm sido o principal mecanismo de escoamento dos excedentes de produção, fazendo com que o País volte a registrar números bastante favoráveis. De acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em agosto o Brasil exportou 67,33 mil toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), aumento de

19,24% em relação ao mês anterior e de 4,74% na comparação com agosto de 2016. Esse é o recorde do ano e o melhor resultado para um único mês desde setembro de 2016.



Em termos de receitas, as exportações brasileiras de carne suína geraram US\$156,25 milhões em agosto, aumento de 15,92% em relação ao mês anterior e de 14,14% na comparação com agosto de 2016. Assim como no caso da quantidade exportada, esse é o melhor resultado para um único mês desde setembro de 2016.

De janeiro a agosto deste ano foram exportadas 460,47 mil toneladas de carne suína, queda de 2,08% em

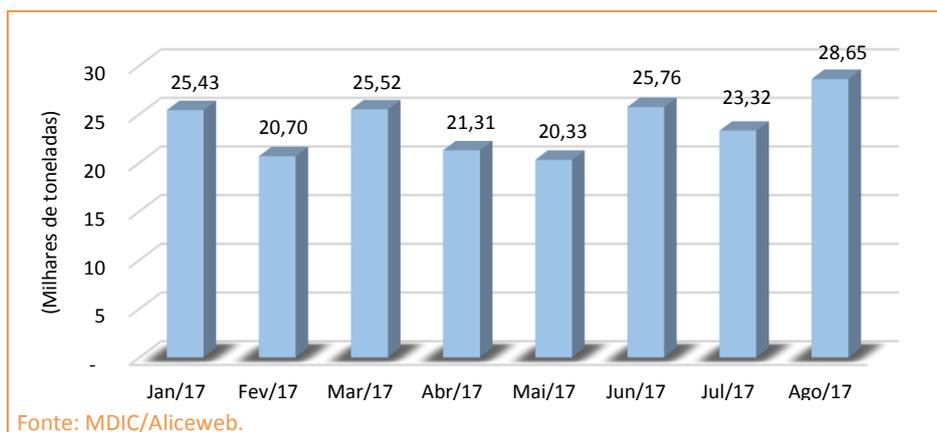
relação ao mesmo período de 2016. Por outro lado, quando se analisa as receitas o resultado é positivo, com um montante de US\$1,10 bilhão, aumento de 24,17%.

Em julho a carne suína brasileira foi exportada para 47 países, dentre os quais se destacam Rússia, Hong Kong, Cingapura, Chile e Uruguai, que juntos foram responsáveis por 78,95% das receitas do País com esse produto. Novamente registrou-se queda nas exportações para a China, em comparação com o mesmo mês de 2016: -65,44% em valor e -58,94% em quantidade de carne. Com isso, a China caiu para a 6ª posição no ranking mensal. No acumulado do ano, o país ainda ocupa a 3ª colocação.

Por outro lado, a Rússia ampliou suas importações do Brasil, garantindo os bons resultados desse mês. Em relação a agosto de 2016, o aumento foi de 11,04% na quantidade importada e de 26,66% em termos de valor, consolidando sua posição como principal destino da carne suína do Brasil.

Conforme os dados do MDIC referentes às duas primeiras semanas de setembro, a média diária de embarques de carne suína *in natura* aumentou significativamente em relação a agosto: 62,9% em valor e 63,3% em quantidade. Em relação a setembro de 2016, os resultados preliminares também são positivos: aumento de 38,4% em termos de valor e 39,3% em quantidade. Embora esses números sejam parciais e alusivos à médias diárias, indicam que o mês de setembro deve também registrar aumento nas exportações.

As exportações catarinenses de carne suína também registraram excelentes números em agosto. Foram exportadas 28,65 mil toneladas, aumento de 12,07% em relação ao mês anterior e de 22,84% na comparação com agosto de 2016. Essa é a maior quantidade de carne suína já exportada por Santa Catarina num único mês.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne suína – Santa Catarina – 2017

No que diz respeito às receitas, em agosto também se registrou números favoráveis: US\$66,03 milhões, aumento de 20,37% em relação ao mês anterior e de 22,54% na comparação com agosto de 2016. Esse é o 4º melhor resultado já registrado para um único mês.

De janeiro a agosto, as exportações catarinenses

de carne suína somaram 191,01 mil toneladas, aumento de 6,73% em relação ao mesmo período do ano anterior. Em termos de receitas, o acumulado do ano é de US\$451,50 milhões, aumento de 33,89% em relação a 2016.

Os principais destinos das exportações de carne suína catarinense em agosto foram Rússia, Hong Kong, China, Chile e Cingapura, que juntos responderam por 82,65% das receitas. Embora a China ainda figure como um importante destino da carne suína do Estado, houve redução nas exportações para aquele país em agosto, na comparação com igual período ano anterior: -57,32% em quantidade e -64,85% em valor. A Rússia, por sua vez, aumentou as compras de carne catarinense: aumento de 46,17% em quantidade e de 75,13% em valor, na comparação com agosto de 2016.

Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – Agosto de 2017		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Rússia	30.890.587,00	11.932
Hong Kong	7.938.585,00	4.103
Chile	6.845.061,0	2.827
China	5.883.349,00	3.301
Cingapura	3.013.681,00	1.202
Outros países	11.458.669,00	5.281
Total	66.029.932,00	28.647

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Ao longo deste ano, Santa Catarina já exportou carne suína para 50 países.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Nesse mês de setembro, o IBGE deve divulgar novos números da sua Pesquisa Trimestral do Leite (PTL/IBGE). Essa pesquisa é relativa à quantidade de leite recebida pelas indústrias com inspeção municipal, estadual e federal dos estados, e do País, e os dados a serem divulgados são os relativos aos meses do segundo trimestre de 2017. No primeiro trimestre de 2017, a quantidade recebida cresceu insignificantes 0,13%, em relação ao primeiro trimestre de 2016.

Desde então, informações qualitativas e levantamentos mais objetivos davam conta de que houve mudança nesse comportamento que mês a mês a produção vinha superando à dos mesmos meses de 2016. A fonte mais objetiva sobre esse comportamento é o Índice de Captação de Leite, do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (ICAP-L/Cepea Brasil³), com crescimento de 6,2% na comparação de janeiro a julho deste ano em relação ao mesmo período do ano passado, sendo que os crescimentos dos meses de junho e julho superaram os 14%.

Índice de Captação de Leite Cepea (ICAP-L/Cepea) - Brasil - 2016-17

Mês	Índice		Variação %
	2016	2017	2017/16
Janeiro	185,67	181,58	-2,2
Fevereiro	177,17	176,00	-0,7
Março	164,15	170,66	4,0
Abril	158,59	168,79	6,4
Maior	156,01	170,07	9,0
Junho	158,23	181,65	14,8
Julho	166,19	189,67	14,1
Janeiro a julho	1.166,01	1.238,42	6,2
Agosto	176,49		
Setembro	187,50		
Outubro	187,65		
Novembro	188,73		
Dezembro	188,54		

Fonte: CEPEA (Base 100 = junho/2004)

Como o mercado mudou rápido e intensamente, com os preços dos lácteos e aos produtores chegando a patamares bastante baixos e inesperados para esta época do ano, quando ainda faltam três meses para que a produção nacional atinja o seu pico⁴, não simples compreender as razões de tamanha mudança. Especialmente para os produtores, principais penalizados com a situação, embora não únicos.

O que se tem observado nesse momento é a excessiva importância que tem sido dada para o comportamento da balança comercial de lácteos, especialmente para as importações e/ou para o crescimento

da quantidade de leite recebida pelas indústrias. Ou seja, se busca apenas na oferta de leite a explicação para esse comportamento de mercado, que alguns já caracterizam como uma das grandes crises da cadeia do leite, particularmente para os produtores.

Os argumentos baseados apenas na oferta parecem carecer de sustentação quando analisados com um pouco mais de cuidado.

³ Esse índice é baseado em amostragem e objetiva registrar as variações nos volumes diários captados no RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. A média nacional é calculada conforme o peso mensal de cada estado quanto ao volume produzido, conforme informações do IBGE. Segundo a Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE, esses estados representam cerca de 85% da quantidade de leite cru recebido pelas indústrias inspecionadas do Brasil.

⁴ Tomando por base os dados mensais da Pesquisa Trimestral do Leite, do IBGE, se constata que o pico da quantidade de leite recebida pelas indústrias brasileiras inspecionadas se dá no mês de dezembro.

No caso das importações, porque em 2017 elas são decrescentes e realizadas com preços superiores aos de 2016.

Balança comercial brasileira de lácteos – 2012 a agosto de 2017

Ano	Importação			Exportação			Saldo	
	Mil t	Milhão US\$	US\$/t	Mil t	Milhão US\$	US\$/t	Mil t	Milhão US\$
2012	179,4	627,9	3.500	38,4	92,3	2.404	-141,0	-535,6
2013	157,3	585,7	3.723	38,4	93,8	2.443	-118,9	-491,9
2014	106,8	438,7	4.108	83,7	332,4	3.971	-23,1	-106,3
2015	134,3	402,1	2.994	73,6	305,5	4.151	-60,7	-96,6
2016	242,6	641,1	2.643	51,6	155,6	3.016	-191,0	-485,5
Até 08/2015	85,4	275,0	3.221	43,2	179,6	4.155	-42,1	-95,4
Até 08/2016	154,5	386,1	2.499	29,7	87,4	2.941	-124,8	-298,7
Até 08/2017	128,8	428,1	3.323	24,8	71,4	2.883	-104,0	-356,7

Fonte: MDIC /Secex/Sistema Aliceweb.

No caso da quantidade de leite recebida pelas indústrias, porque que de fato parece estar ocorrendo mais uma recuperação da quantidade para os mesmos níveis de 2015 ou 2014 do que crescimento. Aplicando-se, por exemplo, os 6,2% de crescimento do ICAP-L/Cepea Brasil (ver tabela acima) sobre a quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias brasileiras inspecionadas no período de janeiro a julho de 2016 (12,978 bilhões de litros), chega-se a 13,783 bilhões de litros, quantidade quase idêntica aos 13,766 bilhões de litros adquiridos de janeiro a julho de 2015 e 1,6% inferior aos 14,005 bilhões de litros adquiridos de janeiro a julho de 2014.

Brasil - Quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas - 2014-2016

Mês	Bilhão de litro			Variação %		
	2014	2015	2016	2014-15	2015-16	2014-16
Janeiro	2,229	2,208	2,072	-0,9	-6,2	-7,0
Fevereiro	1,922	1,900	1,892	-1,1	-0,4	-1,6
Março	2,038	2,028	1,898	-0,5	-6,4	-6,9
Abril	1,911	1,851	1,749	-3,1	-5,5	-8,5
Maio	1,948	1,886	1,742	-3,2	-7,6	-10,6
Junho	1,939	1,908	1,728	-1,6	-9,4	-10,9
Julho	2,018	1,985	1,897	-1,6	-4,4	-6,0
Janeiro a julho	14,005	13,766	12,978	-1,7	-5,7	-7,3
Agosto	2,124	2,018	1,989	-5,0	-1,4	-6,4
Setembro	2,085	1,988	1,963	-4,7	-1,3	-5,9
Outubro	2,119	2,074	2,048	-2,1	-1,3	-3,4
Novembro	2,152	2,066	2,052	-4,0	-0,7	-4,6
Dezembro	2,262	2,151	2,140	-4,9	-0,5	-5,4
Total	24,747	24,063	23,170	-2,8	-3,7	-6,4

Nota: Os dados de 2016 são preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Mais do que incluir a demanda como variável indispensável para compreender o que de fato esta havendo atualmente com o mercado dos lácteos e com os preços recebidos pelos produtores, a questão é destacar que sistemático crescimento da produção leiteira brasileira dos últimos anos foi sustentado exclusivamente pelo crescimento do mercado interno. Bem diferente do que houve com várias outras atividades tradicionais da agropecuária brasileira, alavancadas também pelo crescimento das exportações.

Nesse sentido, e considerando as frágeis possibilidades de em curto prazo o quadro econômico brasileiro melhorar a ponto de impactar positivamente no emprego, na renda e no consumo, fica evidente que qualquer mudança mais significativa no atual quadro dependerá especialmente da queda de oferta.

Dado os níveis de preços que muitos produtores estão recebendo⁵, não será surpresa que a produção não apresente o crescimento esperado daqui para o final do ano. Ainda que isso se confirme, mudanças mais expressivas no mercado devem ocorrer apenas mais ao final do ano ou início de 2018. Assim, para a próxima reunião do Conseleite/SC (a ser realizada na semana que vem, dia 21/9), a tendência é de que não se confirme o preço projetado na reunião do mês de agosto, como também de que haja novo decréscimo no preço a ser projetado para o mês de setembro (que servirá de referência para o pagamento a ser feito pelas indústrias em outubro).

Leite padrão - Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina - 2015-17					
Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			Var. %	
	2015	2016	2017	2016/15	2017/16
Janeiro	0,7744	0,9546	1,0783	23,3	13,0
Fevereiro	0,7866	1,0154	1,1096	29,1	9,3
Março	0,8614	1,0652	1,1412	23,7	7,1
Abril	0,8843	1,1166	1,1693	26,3	4,7
Mai	0,8875	1,1430	1,1733	28,8	2,7
Junho	0,9347	1,3363	1,1394	43,0	-14,7
Julho	0,9278	1,5500	1,0617	67,1	-31,5
Agosto	0,9131	1,3248	1,0405	45,1	-21,5
Setembro	0,8978	1,1051		23,1	
Outubro	0,9024	1,0461		15,9	
Novembro	0,9308	0,9993		7,4	
Dezembro	0,9387	1,0333		10,1	
Média	0,8866	1,1408		28,7	

(*) Agosto/2017: valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

⁵ Além da queda generalizada de preços, em momentos como o atual e comum aumentar a diferença entre os maiores e menores preços aos produtores, sem contar a maior seletividade de algumas indústrias para até mesmo comprar o leite.